MARIETTA TELLES MACHADO

CG – Não circula
fora da BC

134.3(81)-34
doz

197501 1513

9600

As doze voltas da noite

AS DOZE VOLTAS DA NOITE

MARIETTA TELLES MACHADO: A AFIRMAÇÃO DE UM NOME

Depois de "Girassóis em Transe", livro de crônicas, Marietta Telles Machado renasce com "As Doze Voltas da Noite", em edição do Departamento Estadual de Cultura, 1970.

É um renascimento para sua própria arte de escrever, para a literatura goiana, orgulhosamente confesso. Mais ainda, para a confirmação de um nome que conquistou definitivamente seu lugar na história das letras em nôsso Estado e que encontrou agora seu "coeficiente" literário.

"As Doze Voltas da Noite", significam, antes de tudo, a confirmação de que o conto goiano não parou em Hugo de Carvalho Ramos e seus seguidores. Atualmente, há muito o que mostrar, principalmente no conto moderno, onde a pesquisa de linguagem e a técnica são fatôres de vital importância. Sob êste aspecto, Marietta Telles Machado, com suas peças, tôdas elas elaboradas e trabalhadas com inteligência, e não puramente com emoção, constitue um dos momentos de maior importância na face nova do conto, revivendo aspectos outros, que não se limitam a uma trama arranjadinha, bem comportada, de um comportamento burguês com roupas e enfeites de gala. A autora rompe com todos êsses arranjos para se ornamentar de palavras e sua significação como tal, dizendo o necessário, comprometendo o leitor como co-autor ou co-participante de um problema. Por isso mesmo, a técnica de alguns contos foi conseguida após muitos meses de trabalho, contando também com a procura da linguagem-comunicação condizente com o clima do conto. A **Doméstica**, **Sábado de Noite**, **Abril**, **Círculo**, são exemplos que podem ser citados. Daí resultou um livro sob pêso e medi-

Livraria e Editora
CULTURA GOIANA
— CASA DO ESCRITOR GOIANO —
VENDAS: Livros - Didáticos - Literaturas - Enciclopédias - Dicionários - etc.
Rua 3 nº. 728 — Fone: 6-0843
GOIÂNIA — GOIÁS

AS DOZE VOLTAS DA NOITE

G869.0(81)-3

869.935
M149d Machado, Marietta Telles

As doze voltas da noite (contos). Capa de Heleno Godoy. Comentários de Miguel Jorge. Goiânia, Departamento Estadual de Cultura, 1970.

155 p.

1. Contos Goianos I. Título

MARIETTA TELLES MACHADO

197501 1513
G869.0(81)-3 MAC /
1000009600

AS DOZE VOLTAS DA NOITE

Contos

G 869.0(81)-3
MAC
doa

Edição do Departamento Estadual de Cultura
Goiânia - 1970

Da Autora:

Girassóis em transe (crônicas)
Goiânia, Imprensa Universitária, 1968.

O congresso das bruxas (contos infantis) no prelo.

CAPA:
HELENO GODOY

ORELHA:
MIGUEL JORGE

U. F. G.
BIBLIOTECA CENTRAL
CÓD R. Públicas
Nº 15/3/75
VALOR 9,50
DATA 23/10/75

Reservados os direitos de reprodução e tradução para todos os países
Copyright by
Marietta Telles Machado

Edição do Departamento Estadual de Cultura - Gráfica Oriente
Av. Alfredo Nasser, 312 - Bairro Popular - Goiânia - Goiás - Brasil

Para meus amigos Escritores de Goiás
Reconhecimento e homenagem a
Domiciano de Faria
À Stella Carr
Obrigada, Carlos Fernando!

ÍNDICE

A Doméstica	Pág.	13
Sábado de Noite, Abril	"	25
Círculo	"	37
Memórias no Asilo	"	49
Não se Tenta Um Homem, Nem Um Santo Homem.	"	63
Horas de Uma Mulher	"	75
Figueira Sem Frutos	"	89
Verde Tempo	"	101
Desastre Aéreo	"	113
Encanto, Desencontro	"	125
Apêlo	"	135
Milagres no Natal	"	145

A Doméstica

"Peguei um "Ita" no Norte
Pra vim pro Rio morá
Adeus, meu pai, minha mãe
Adeus, Belém do Pará"

Dorival Caymmi

Vim do interior. Mãe não queria. A gente é pobre e tem de passar por essas coisas. Dona Tereza me trouxe. O pai dela é rico, tem muita fazenda por lá. Foi, ela me disse: você tem 15 anos, é quase menina, mas eu lhe ensino tudo, depois faço um pequeno salário. Eu queria ir para a escola, será que eu podia? Perguntei. Mais adiante se pensa nisso, ela respondeu. Pra começo de conversa, eu devia era ser obediente. A patroa falou assim: você é bonitinha, mas está muito amarela, seus irmãozinhos também. As coisas que nós comíamos não tinham lá muita sustância. Vim. A patroa pôs-me num quartinho de fundo, cheio de trem velho e de barata. Na frente, era um luxo. De noite eu ficava triste porque não tinha com quem conversar. Lembrava de mãe, mãe chorando na hora da saída, mãe conversando com a gente e contando muito caso do tempo dela moça. A vizinha tinha empregada, mas

a patroa preveniu: olhe, existe muita empregada à-toa, não quero saber de amizade sua com as outras. Se perguntarem quanto é que você ganha e especularem coisas de casa, bôca fechada, não é da conta de ninguém. Essa Dona Tereza parecia boazinha. Depois fui vendo. Muito favor eu devo pra ela, não posso negar. Ela me deu vestido bonito, roupas de baixo (essas a gente não usava lá). Ela me ensinou a escovar dentes, a tomar banho todos os dias e passar uns negócios para não cheirar mal. É, devo muito favor pra ela, aprendi muita coisa boa. Televisão eu nunca tinha visto. Achei uma beleza. Você gosta de novela? Eu adoro. E muitas outras coisas eu nunca tinha ouvido falar. Telefone, por exemplo. Dona Tereza foi à vizinha e ligou para eu aprender. Tremi, menina, falei engasgado, com mêdo. No fim se aprende tudo.

No norte, Dona Tereza tinha dito que eu não demorava muito a voltar para ver mãe, pai, meus irmãos. Mudou: nem pense nisso, só daqui a um ano. Vocês, empregadas, parece que têm amor maior, mais saudade que todo mundo. Imagine, Elzinha (era a filha dela), faz seis meses que está no Rio estudando, nem pede pra vir.

No fim do primeiro mês, Dona Tereza falou que até que meu serviço não era tão ruim. Eu era meio mole, mas quando ficasse mais corada, aí sim, com saúde se trabalha mais. Não tocou em dinheiro. Ela saía com cada uma. Eu ficava na dúvida, não sabia se tôda patroa era assim. Escute, me falou, você comeu quase a metade do frango. Faça o favor, frango não é feijão. Da próxima vez eu vou separar sua parte. Deixava-me um pescoço, um pé, se muito. Pudim ela me dava um pedaço fino como fôlha

de papel e me recomendava que não mexesse no resto, Dona Fulana vinha visitar. Domingo ela me mandava ir ao cinema com os meninos. O Juquinha era atentado, vivia me dando beliscões, ai se eu falasse alguma coisa. Tem uma porção de coisas de que eu não gosto de me lembrar. Ela não se cansava de recomendar: cuidado com êsse vaso, é porcelana legítima. Pra mim pouco se me dava se a porcelana era isso ou aquilo. O vaso era bonito. Que seria legítimo? Perguntei: Dona Tereza, o que é legítimo? Ela replicou, essa Maria é meio boba, simplória (sabia lá o que era simplória) vive perguntando as coisas mais à-toa. Um dia a televisão estava ligada na hora de pôr a mesa para o jantar. Novela, você já viu. Êles jantavam muito tarde, sabe. Em peguei o vaso e o coloquei em falso, êle caiu e espatifou-se. Dona Tereza foi me dando empurrões e dizendo que eu estava boa de ir para o inferno, ser empregada dos capetas. Fugi pra dentro tremendo. Não precisava dela ter enfiado meu nome com o do coisa ruim. Mãe sempre diz que nome de Deus e do cão não se fala por dá-cá-essa palha. Daí a dois dias ia inteirar três meses de serviço. Então eu criei coragem e perguntei: Dona Tereza, a senhora disse que ia me pagar, será que... Nem me esperou acabar e gritou que se ela fôsse cobrar o vaso chinês, um ano era pouco para eu pagar. Eu não passava de uma vagabunda, mal-agradecida, tinha roupa, comida, cama e muitas regalias, veja como eu tinha engordado, estava corada, no norte vivia como bicho, ainda vinha falar em dinheiro.

Desgosto maior mesmo era o da escola. Dona Tereza, quando é que eu vou aprender a ler? Quer saber de uma coisa, Maria, tenho muitos problemas. Deixe isso pra

depois, mais adiante. Fui me acostumando. Aqui ruim, pior no norte. Apertava-me às vêzes saudade sem conta de mãe. Vontade de saber como iam todos. Levaria tanto presente quando fôsse!

Entrou para a vizinha uma escurinha direita e eu peguei a ir ao portão conversar com ela. Dona Tereza disse: Maria, eu não quero saber dessas amizades. Dr. José, o patrão, êle era bom, sabe, só fazia as vontades dela, dessa vez êle contrariou: não, Tereza, a menina precisa de amigas, de namorado. Baixou a voz, mas eu escutei muito bem: a escravidão já passou. Dito e feito, Geni não demorou a me perguntar quanto eu ganhava. Tossi, gaguejei, não sei mentir, mãe sempre prevenia que mentira é coisa de gente que não presta, desculpei Dona Tereza. Ela me dá tudo, tenho regalias, me ensina muita coisa, ora, pra que pagar. Que regalias? perguntou Geni. Eu não soube explicar, mas Geni arrematou a conversa dizendo que êsse negócio não estava muito certo não.

Uma noite eu estava com uma dor de cabeça muito grande, era tarde, abri o vitrô para tomar um ar e vi um vulto entrando pela porta da cozinha. A noite estava clara, vi que era um homem bem vestido. Dei o maior grito: "Ladrão!" Fiquei dura de mêdo. Geni já me contara casos horrorosos de ladrões que entraram por aquelas bandas, roubando, atirando e fazendo maldade com as mulheres. Daí a pouco apareceu Dona Tereza de "robe" de renda preta, com os cabelos soltos muito ajeitados e um perfume que foi logo espalhando. Que isso, Maria, está ficando doida? Jurei que tinha visto o ladrão. Ela me chamou de simplória (tinha um enjôo disso), de safada, que estava

fazendo até aquela hora, fôsse dormir. No dia seguinte, ela se levantou muito cêdo e disse que eu não piasse essa história de ladrão para ninguém, era sonho, doideira minha. Que o ano que vem estava perto, eu ia ver minha família, ah! ia se esquecendo, o meu ordenado, agora eu ir receber, não era pagamento, uma pequena mesada, afinal de contas eu era como se da família.

Fui para escola de Geni ano seguinte. Ir em casa, mais adiante. Esquecesse por enquanto. Devagar vai-se fazendo. A saudade de pai, de mãe, de meus irmãos doía lá dentro. Pobre é assim mesmo. Foi, eu conheci o Carlos. Estudante de Faculdade. Falou que queria namorar comigo. Geni me alertou. Cuidado com êsses estudantes, êles vêm para o nosso lado só para aproveitar. Por que não vão namorar moças da igualha dêles? Carlos era bonito, moço cheiroso, limpo, bem arrumado. Lá no norte eu namorava só de longe. Os de lá não são como êsses, educados, sabem falar com a gente, vêm abraçando devagar, com jeito, convidando para passear de carro. Geni me disse que andar de carro é perigoso, mas eu pensei cá comigo, o que é que tem, se Carlos é tão educado, tão bom. Geni era muito esperta, vivia me dando conselhos, era só cuidado com isso, cuidado com aquilo, uma chatura. De patrão não se cansou de falar. Que todo patrão é assim, se um dia me pegasse sòzinha eu ia ver, ainda mais que eu era nova e bonita. Que o negócio não é só perder a honra, é arranjar filho, depois ninguém quer a gente com filho, além disso o coitadinho vem ao mundo só para sofrer. Que muitas tiram o filho, mas além de ser um crime horroroso custa dinheiro e às vêzes a vida. Eu falei que o patrão era tão bom, tinha muito mêdo de Dona Tereza, era tão educado,

parecia um pai. Carlos dizia que eu era muito bonita, que gostava muito de mim e insistia para que eu fôsse passear de carro. Fui. Fiquei pensando nos conselhos de Geni, mas Carlos falou que tôda moça sai de carro com o namorado, que eu era muito ignorante e desconfiada, o que é que tinha. Saimos para fora da cidade. Êle parou o carro, me abraçou e me beijou muito como sempre. Depois pediu que eu desabotoasse a blusa. Ah, isso não, falei. Mas o Carlos me pediu com um jeito bonito, quase humilde, dizendo o que é que tinha, tôda namorada deixava aquilo. Eu gostava demais dêle, tudo o que me pedia eu acabava deixando. Desabotoei a blusa, êle foi passando as mãos macias nos meus seios, depois me pediu para desabotoar a saia. Ah, isso não. Bem que Geni falou, sair de carro é muito perigoso. Mãe disse um dia que a única pessoa que pode fazer tudo com a gente é o marido. Você é muito simples, não sabe de nada. Êle foi ficando nervoso, parece que o coisa ruim entrou nêle, Deus me perdoe, foi me apertando, arrebentando as minhas roupas e abrindo a roupa dêle. Eu perdi minha honra, aquilo era perder a honra. Entrei na ponta dos pés em casa, era quase madrugada, se Dona Tereza desconfiasse, ela me mandava pra rua. Geni falou que eu estava muito esquisita, quase não conversava mais com ela, saia tôda noite com êsse tal de Carlos, olhe lá, cuidado com êsse namorado grã-fino, cara de sonso. Eu disse para Geni que meu namorado não tinha cara de sonso, que ela estava era com inveja e que não tinha nada com minha vida. Nunca mais conversei com ela. Tempos depois, Dona Tereza descobriu mesmo e disse que ia me mandar para o norte, eu era menor, não ia me soltar em Goiânia, senão eu acabava na zona, eu tinha de contar com quem saía. Veja, você está grávida, eu bem desconfiei

dessa sua robustez (Dona Tereza o que é robustez? Só vive perguntando essa simplória). Eu disse a ela que não contava de jeito nenhum. Um dia antes, Carlos tinha me falado: escute, não vá bater com a língua nos dentes, senão você vai acabar com a minha carreira, desgraçar com a minha vida, se soubesse que eu era menor e virgem não tinha se arriscado (isso êle sabia muito bem, nesse ponto eu não defendo); o mundo é assim mesmo, minha filha, uns são ricos, outros são pobres, os pobres sofrem mais, o que é que se pode fazer? Disse que era estudante, que não tinha dinheiro para me dar. Continuaria a me ver, se eu achasse um casamento, melhor, casasse, mesmo assim, se desse jeito, a gente se encontrava. Que êle gostava muito mesmo de mim e, sabia, eu também o amava. Não fôsse dizer nada, a família dêle era importante, ninguém ia acreditar mesmo, além disso, para quem gosta, é muito pior casar forçado. Então Dona Tereza sacudiu meus ombros, sua sonsa, sua simplória, assim é que agradece, logo vi, carinha de inocente. Você vai pro norte amanhã. Eu disse a ela que não precisava de me xingar tanto, de me rebaixar assim, nem me mandar embora, que eu tinha visto o ladrão de nôvo. Dona Tereza ficou branca, me deu um tapa na cara, sua sonsa, sua atrevida, já disse que não toque nessa história de ladrão. Sabe, eu fiquei com a cabeça tão louca, me lembrei de mãe na roça, de mãe contando caso do casamento dela, do tempo dela moça e corri, e tranquei no quarto e chorei. Nem pensava que um dia a gente pudesse ser tão infeliz. Daí eu fui ao depósito, sabia da caixinha daquele pó amarelo, Dona Tereza tinha me recomendado cuidado, era veneno. Pus uma colher bem cheia no copo dágua. Bebi, não me lembro de mais nada, sabe. Só acordei aqui no hospital. Dona Tereza dis-

se que já comprou passagem de avião, que amanhã mesmo eu vou pro norte. Não sei. A dose foi pequena. A outra vai ser maior. E eu engulo tudo de uma vez.

Sábado de noite, abril,

Para Eugênio de Queiroz Barreto.

A menina, seus olhos tristes, grandes, menos mãos de dedos entrelaçados, menos salientes ossos rompendo a pele marron, mais olhos, o olhar que esparrama pelo espaço, o espaço tomado de mesas com forros de retângulos vermelhos e Charles Aznavour cantando baixo em som estereofônico e as vozes de meio tom daquela gente que comia e bebia, bebendo as presenças, engolindo horas, deglutindo o tempo, o tédio, vigiando a esperança, fabricando alegria e no céu muitas estrêlas, é abril e um risco de lua nova, tímida, baixando no horizonte. Ela está sòzinha na mesa tomando sua dose, os olhos nos olhos ofendidos da menina, a menina do quadro, no alto da parede, a tristeza gravada sendo a sua e a de muitos que não sabem disfarçá-la. Toma sòzinha numa mesa de bar, sem a possibilidade de articular uma palavra que não fôsse o pedido breve ao garçon para renovar sua dose e isso não pode se repetir muitas

vêzes, porque afinal ela está só e necessita achar a saída ao se retirar como também o rumo de casa. Ocorria que a bebida muita lhe dava uma sensação de liberdade pura, uma inconsciência consciente que precisava ser exteriorizada em palavras que fluiriam depressa, fáceis, expondo seus mais íntimos pensamentos, rompendo o muro da censura e visto estar ali só, a incomunicabilidade ia estrangulá-la, atormentá-la e lágrimas diante dos outros, um espetáculo deprimente. Olham-na com espanto e mais o fariam se chorasse, porque meio milhão de habitantes numa cidade é pouco para que uma mulher possa sair só e beber sem a impressão de estar sendo apontada. Não calcula o que os muitos, os que rodeiam essas mesas cobertas com forros de retângulos vermelhos, possam estar falando numa noite de sábado, abril, agora que a música subjuga seu corpo desamparado. Ela retira os olhos da menina triste, a tristeza que agarra os poros das coisas, e observa os três cavalheiros da mesa próxima, porque antes via tudo, em conjunto, sem individualizar nada, apenas os olhos da menina. Nota que o cavalheiro do meio, o de cabelos castanhos, anelados, óculos redondos, camisa não vê bem se é creme, rosa ou branca, não sendo possível adivinhar-lhe a profissão, mas os modos lhe parecem polidos, o cavalheiro levantando a taça sorri-lhe, ela não percebe a intenção, todos os sorrisos dos homens tem intenções. Brindando o quê, santo Deus, seria lindo se êle brindasse o encontro, mas por certo êle brindava outras possibilidades. Porque um cavalheiro que vê uma mulher só, numa respeitável mesa de bar, pode pensar que ela é distinta, mas sempre espera que ela vá dormir com êle no fim da noite. Sua virgindade, preservada menos por preconceitos que por covardia, entregá-la a um estranho? Um estranho de cabelos

castanhos e encaracolados, de bigode estreito, de óculos redondos, um cavalheiro que bebe vinho numa noite de sábado? As patas do tempo pisam seu corpo. Nos olhos da menina triste caminhará. Irá devagar, bebendo a noite com seus sons, as estrêlas quietas lá em cima, é abril, os estranhos passando, carregando suas vidas. Ela descerá a avenida, o perfume das magnólias entrando-lhe pelos sentidos, os faróis dos carros desenhando geometrias luminosas. Lá no fim está a casa dêle, do homem que ama. Afastada, em frente o jardim. A grama verde, o caminho de pedra brilhando à pouca luz da noite. As flôres amarelas de picão serão brancas no escuro. À esquerda, bem junto à casa, o cajueiro sem flôres, o pé de maracujá com seus frutos pendentes e sob, a mesa tosca de madeira com dois bancos fincados no chão. À direita, as trepadeiras subindo pelas colunas do alpendre. Ela abrirá o pequeno portão de ferro e de leve baterá à porta, sim baterá. Êle estará ouvindo Chopin, que adora, ou quem sabe com os olhos caminhando nas paredes do quarto forradas de colagens com bizarras figuras selecionadas com paixão. Suas mãos, as mãos dêsse homem absurdo, estão nos mínimos detalhes de seu mundo mágico. As cortinas côr de manteiga com borlas vermelhas nas extremidades, a estante rústica cheia de objetos antigos, lembranças, miniaturas, uma máscara dourada de um deus chibcha, o pássaro quieto na gaiola, as pombas arrulhando dôres no fundo do quintal, as desoladas esculturas sôbre os móveis: êle, tudo, silencioso, arredio, o absurdo homem que ama. Tantos ela conhecera, tantos se foram, sem nada trazer, sem nada levar. Agora, talvez fôsse o amor, com nova dimensão, como se irrompesse de milhões de anos passados e atravessasse a nudez do tempo, as retas do espaço. E êle sabia.

sábado de noite, abril/31

Mas a pedra de seu silêncio, a muralha de seu não dar, de seu não receber.

"Eu gritarei teu nome aos astros até a rouquidão. Falarei de ti, amor, até que o verbo se esgote, na transparência perfeita dêsse querer. Falarei de ti na extensão das águas livres e grandes, no território profundo onde submerge meu rendido coração".

Ela baterá de leve, êle abrirá a porta e com voz calma, de espanto contido:

você?

sim, eu

mas?

eu vim, amor.

Êle fechará a porta devagar, com gestos medidos. Chopin continuará. E as bôcas se unirão na descoberta do encontro e as mãos dêle percorrerão o território de seu corpo e êle penetrando êsse corpo em oferenda inteira. Corpo guardado para essa noite de espera. Será um milhão de noites numa noite, seara multiplicada de amor.

Ela vem num lento regresso pela estrada dos olhos da menina. Levantará a vista. O cavalheiro de óculos redondos apresenta-se, define seu nome, sua posição, sua profissão e fala uma porção de coisas que ela se esforça por entender. Êle segura seu braço quando passam por entre as mesas cobertas com forros de retângulos vermelhos. Sente o contato frio em sua pele que traz o calor daquele quarto

forrado de colagens de estranhas figuras. O carro estava parado em frente ao bar, ela fala alguma coisa mas não tem consciência do que é, talvez seu nome ou mais sem importância. Passam através do bairro de casas elegantes e tomam uma estrada que vai deixando a cidade para trás. Entram num jardim, não, um pomar, muitas árvores com ar de velhas, tal o tamanho, a noite aí dentro mais escura, cheiro de natureza, o chão porejando umidade, de dentro nem ver estrêlas e céu, nada mais que silêncio e sombra. É um casarão, repara, e minguada luz coando pelo vão das janelas. Algo voou assustado, quase lhe bate no rosto. Um pássaro noturno, um morcêgo, talvez. Ela sente frio, treme, depois um pêso nos ombros e o calor vindo do braço dêle, da proximidade de seu corpo. Dão a volta e entram pela porta dos fundos. Atravessam um corredor, ao longo do qual três portas, agora uma música vem-lhe de encontro, violão e alguém cantando baixo. Depois o salão grande, assoalho de táboas largas, mobília escura, pesada, antiga. Êle agora tem um rizinho lúbrico, que sai arranhando os bigodes estreitos, tira o paletó, joga-o na poltrona, fala umas palavras que ela ouve indecisa. Aparecem dois homens, não vê de onde sairam. Calam-se quando a descobrem. Uma mulher nua, não jovem, gasta, entra no salão, assenta-se no tapete em posição de Buda, sorri-lhe, dizendo que é assim que êles gostam, como se lhe estivesse iniciando. No fundo da consciência, apenas Chopin e as estranhas figuras coladas na parede, no quarto do absurdo homem que ama. E sua virgindade a êle reservada depois de tanta espera. O homem de óculos redondos desaparece por uns instantes. Um dos homens se aproxima dela, tem os olhos vermelhos, de córneas rajadas, a pupila descorada, as pálpebras entumescidas. Ela percebe uma porta semi-

cerrada e escapa alcançando um quarto desocupado. Agora, torpor dissipado, mal consegue dominar o pânico. O homem de olhos vermelhos segue-a, levantando os braços, os dedos crescem como garras enormes, mas deixa os braços tombarem, vagos, pesados. Nesse instante percebe murmúrios que vêm de um dos muitos quartos, vultos escorregadios traçam rotas nos longos corredores, sumindo e reaparecendo por sob os portais, empurrando velhas portas que gemem decrépitas. Você pode tirar-me daqui? pergunta ao homem de olhos vermelhos. Alguém chama, começa a gritar. É seu nome. Tê-lo-á revelado? A voz, aquela voz, é a voz do homem de óculos redondos. O de olhos vermelhos começa a rir baixo, gargalha e a gargalhada vai inchando, crescendo como uma bôlha vermelha a sufocar o quarto. Depois cala-se e a fixa penalizado, mudo. Ela quer correr, escuta outra risada, de mulher. Deixa o quarto, entra em um corredor, sim, começa a correr e com terror. Outras risadas mais altas, uma porta batida com ódio, um jovem passa carregando uma mulher de cabeça pendida para trás e cabelos loiros amarfanhados. Então, choca-se contra o amigo.

você, aqui!!!

tire-me daqui

não posso

depressa, leve-me, pelo amor de Deus

venha rápido

corra

por aqui.

Entraram na escuridão das árvores, pisando o chão úmido, parasitas frias como mãos de fantasmas batendo-lhes nos rostos, os dedos dela grudando no braço do amigo, o tremor de pânico.

mas você... quem a trouxe?

leve-me, leve-me rápido, por favor.

O carro saiu das sombras, ganhou a estrada, em retôrno com grande velocidade. A cidade adiante com seus milhares de focos luminosos como estrelas terrestres. Quase ninguém mais nas ruas, na quase finda noite de sábado.

para onde?

Desça sempre por esta avenida, ali, aquela casa, sim, chegamos, veja as flôres amarelas, são tão vivas com a luz e de noite não têm côr. A casa não é linda? Chegamos, ó Deus, chegamos. Obrigada, obrigada, obrigada!

Ela caminha pelo caminho de pedra branca. O cajueiro quieto, sem um estremecimento de brisa. Wolf, o cachorro, dorme cúmplice. Abre o portão com cuidado. Não Chopin, só o calado silêncio. Bate à porta. Talvez êle durma, o estranho homem que ama. Espera um pouco. Torna a bater. A porta se abre. É sábado de noite, abril.

Círculo.

Para Mariah e Francisco

Esperar.

Uma borboleta, a minha filha. Assim correndo de braços abertos, sem rumo, esbarrando nas coisas, porque senso de direção ela não tem. Siquer sabe distinguir entre uma pedra e um pão. Seus olhos são parados, repare. A bôca tem um riso permanente. Se chorasse, me crucificava menos. Procuro vesti-la de acôrdo e os cabelos sempre amarrados para trás com fita de tom vivo. Tem onze anos. Se entendesse, iria gostar do vestidinho que lhe pus hoje. É nôvo, bordei-o à noite depois da lida. Ficou bonito, modéstia à parte. Venha, filhinha, quieta. Desculpe, ela não entende. Venha, assente-se no colo da mãe, menina. Ela não parece uma borboleta, correndo, nesses passos miúdos, os braços abertos como asas? Ela é bonitinha, espie seus traços, o nariz perfeito. Uma pena êsse riso que

não acaba, êsses olhos sem mira. O tamanho é normal, não lhe parece? Côres boas ela tem. Procuro alimentá-la com cuidado. Tudo ruim tem seu lado bom. Nesse ponto não passo trabalho, ela não sabe escolher, come de tudo que lhe dou. Se sempre foi assim? Começou aos três anos de idade, quando fui notando certas diferenças. Faz oito anos. É uma cruz. Dá-me remorso de falar. Não é por mim, por causa dela própria. Já me acostumei. Buscá-la, prendê-la ao meu colo, vigiá-la noite e dia faz parte de minha vida. Trabalho leve, como se cuidasse de uma borboleta. Mas queria que êsse riso, êsse riso que me exaspera, que não pára nunca, saisse do rostinho dela. Que o olhar vivificasse, êsse olhar imóvel. Sim, tenho só ela. Acham-me nova, conservada, apesar de minha cruz. Quando ela crescer, seremos companheiras, como irmãs. Sempre pensei que educar filho é fazer dêle companheiro da gente, é ir abrindo para êle os caminhos, orientando e sendo amigo. Se ela entendesse, seria testemunha. Mesmo assim, eu falo: minha filha, quando você crescer, poderá escolher. Na minha fraca experiência do viver, vou ensinando o que é certo, ou melhor, o que parece ser certo, o que parece ser errado, ruim. Você é que vai decidir seu caminho, minha filha. Ela não entende, eu sei. Mas a gente pensa cada coisa. Tenho fé que meus ensinamentos vão se recolhendo na cabeça, no coração dela. Um dia, quando seu sorriso preso se soltar, seu olhar voltar a conhecer as coisas, ela vai aproveitar-se de tudo. Quieta, filhinha, aqui é lugar de cerimônia. Não vê que todos êsses querem falar com Sua Excelência? Ela é assim, sabe, tem hora que fica rebelde, quase preciso machucá-la para manter em meu colo. Uma borboleta selvagem. Mas senhorita, até agora não falei do essencial. Estou um pouco ve-

xada. Você sabe, coração de mãe não vê humilhação quando peleja para seus filhos. Ouvi dizer que Sua Excelência é muito bom. Vim atrás de recurso. Preciso tratar de minha filha. Já fiz o que pude. Desculpe essas lágrimas. A gente vai ficando fraca, cansada. Os médicos disseram que é uma mancha no cérebro que ela tem. Só lá fora tratam disso. Minha borboletinha, fique calma, assente, deixe a mamãe conversar. Preciso de recurso. Veja minha filha, olhe êsse riso grudado no rosto, êsse olhar que não procura onde. Sim, já mexi por todo lado. Caridade de rua, isso não. Preciso de ajuda. Não é uma pena, môça, ela tão linda? Sua Excelência não pode receber? E o doutor da sala ao lado, talvez ajudasse. Impossível falar com êle? Pelo amor de Deus, dê um jeito. Vamos, filhinha, vamos embora. Não posso ir sem uma esperança. Esperar.

Espere.

Entre êsses muitos, o homem de perna podre. Êle espalha um cheiro nauseabundo, de carne deteriorada, matéria que se decompõe, presença que exaspera. Os demais, à espreita de sua hora, encolhem-se em sua cadeira, escrúpulo visível no rosto, ódio contra miséria mais degradante que a sua. Cidadão doente e livre, entrou pela porta aberta tida e sida como acesso para todos. Entrou. O porteiro fêz cara de asco, hesitando entre o deixar entrar ou barrar. O recepcionista ignorou-o, resguardadas as atenções para pessoas importantes que também desejavam falar com Sua Excelência. O recepcionista, graduado por convicção e por presunção, tem suas teorias e princípios. Está em seu pôsto para tratar com gente de categoria. Um ato de bondade de Sua Excelência permitir àquêle rebota-

lho humano entrar na sala, uma sala de palácio. Fôra êle o chefe, aquela vergonha acabaria. Nada representa essa gentinha, um pêso morto, para nada serve. Atrapalhar Sua Excelência com problemas pessoais, suas miserinhas, sua fome. O homem de perna podre ali dentro, um horror.

Na poltrona do canto, o jornalista. Grandes bigodes, ar eficiente, pasta firme na mão esquerda, charuto na direita. A fumaça, soprada com fôrça, abre-se em dedos gasosos que tentam sanear o ambiente. O recepcionista olha consternado, como se pedisse desculpas pela promiscuidade. O deputado entrou. Sentiu a presença do homem de perna podre, olha condescendente, em círculo, num aceno cumprimenta todos e entra. Tem passe livre. Uma jovem mulher apareceu à porta e um perfume raro inundou a sala como uma libertação. O rosto do recepcionista se iluminou ao vê-la. Viu o homem de perna podre e passou como um relâmpago.

Ainda bem que a mulher saíra, a que puxava pela mão a menina que corria de braços abertos e tinha o olhar parado. O homem de perna podre move-se, vai indo, caminha para a mesa. Manca um pouco. A chaga vai do tornozelo até o meio da perna. Tem no rosto uma dignidade humilhada, o olhar procurando um ponto de apoio. A roupa mais ou menos limpa, as tiras avermelhadas envolvendo a perna ulcerosa. Chega. Está próximo à mesa. O odor pestilento estonteia. Os outros espiam. Esperam. Êle fica indeciso. Não sabe se se assenta, se aguarda, se começa a falar mesmo de pé. Os rostos mudos gritam-lhe que fale depressa, que acabe, que saia, que os livre de sua opressiva presença. Sim, Sua Excelência é muito bom.

Dêle quer apenas uma passagem, quer ir para São Paulo tratar da perna. Já bateu em tôdas as portas. Trabalhou muito, verdade. A vida tem caminhos feitos de muitas dôres. A ferida foi crescendo, nada a deteve. Começou assim pequenininha. Sua Excelência não pode receber? Uma recusa é uma sentença. Nem o doutor da sala ao lado? As quotas de passagem esgotaram-se. Disseram-lhe o mesmo da outra vez, das outras vêzes. Não entende porque seu nome não ficou na lista. Pediram-lhe que voltasse. Já voltou muitas vêzes e a ferida vai caminhando. Não quer dinheiro, apenas a passagem. É pouco, tem razão. Lamentável. Quem sabe se na próxima semana, no mês que vem. Não pode sair sem uma esperança. Espere, por favor, espere.

Esperarei.

Eu sei, senhorita, Sua Excelência é muito bom. É um homem justo. Tem fama. Verdade que já estive aqui muitas vêzes. Para ser franco, ninguém me escutou. Sou um inútil, sei disso. Nunca me acostumei com a cegueira. Há tempos que estou assim e continuo agarrando-me, arranhando as paredes, tonto, sem direção, com mêdo. Desculpe o barulhão que provoquei. Pode deixar que apanho a cadeira. Obrigado, assentado é melhor. Já trabalhei muito, minha filha. Fiz a minha parte. Não sou dêsses que olham para trás e vêem um nada. Podia ter feito mais, muito mais se isso não tivesse acontecido. Sou um homem de saúde, você vê. Não estou tão velho. Tenho cinco filhos. Depois que cortaram minha pensão de mercê, a miséria pulou para dentro de minha casa. Os meninos sairam da escola. E pensa que comemos e vestimos como gente?

Se pensa, está enganada. Não sei porque cortaram a pensão. Tem um processo. Um processo sumido. Não o encontraram, ninguém me escuta. Pudera, chego me esbarrando, tateando, estorvando os outros. Eu sei que Sua Excelência é muito bom. Os outros é que são ruins. Não me deixam falar com êle. Sabe, moça, a senhora é a única que teve paciência de me escutar. É muito nova, eu percebo pela voz. Ficar aí ouvindo tanta coisa dura. O homem doente saiu, não é? Já não sinto o fedor, digo, o mau cheiro. Talvez eu tenha sorte hoje. Zèzinho, meu caçula, também saiu da escola como os outros. É muito inteligente. Pai, está sempre de noite em sua cabeça?, perguntou. Foi difícil conseguir a pensão. Imaginei que ia ficar sossegado. Foi cortada, moça, e o processo sumiu. Meu Deus, cada trecho da vida difícil de atravessar. Reginalda é a mais velha, tem doze anos. Uma mocinha. Acho que ela é bonita. Mulher, a Reginalda é bonita? Linda, marido. Quem não acha seus filhos bonitos? Venha cá, Reginalda, deixe eu passar a mão em seu rosto, quero ver se a sinto bonita. Ah, pai, deixe de bobagem. Paulo, o meu Paulo, sempre foi um menino calado, mas trabalhador. Menino esquisito, pensativo. Pai, você não vai enxergar nunca mais? Não, meu filho, é muito triste, mas há cegueiras piores do que a minha. O mensageiro voltou, môça? Não encontraram o processo? Pode ser franca. Nem rastro. Sua Excelência é muito bom, os outros é que são ruins. Não posso vê-lo, não é? Nunca me deixam entrar. Não posso ir sem uma esperança. Espero. Esperarei.

O Círculo.

Esperança, ato de esperar, expectação de um bem

que se deseja, alívio para dôres que se carregam, gôta que umedece sêcos lábios, fôrça que sustenta um corpo que tomba, árvore que deita sombras no coração. Esperança, não sei se te dei, dando-te fi-lo só com palavras e minhas palavras não foram mais que ficção. Nada além ofertei, outros nada ofertaram, não me cabia ajudar mais do que com palavras e com palavras não podia matar-te, esperança, matar-te na consciência dos que te possuem como único bem, pois se tu és a expectação de um bem, manter-te é preservar êsse bem. Minhas palavras foram falsas, não continham nem uma promessa, nem uma recusa. Amanhã êles voltarão, e no voltar, nada mais que palavras receberão. Talvez nem isso, mas se palavras te aviventam, esperança, o silêncio não te mata. A recusa te enfraquece, mas não te extermina. Tu não és o pão, eu vi a fome no rosto dêles, mas és a fôrça que faz aguardar o pão. Se eu te matasse, como viveriam sem esperança e sem pão? Eu vi também a chaga, tu não és o remédio, matar-te — como? — se és o esteio da vida quando a carne apodrece? Tu não és a luz para um cérebro em desordem, nem coordenas o labirinto de um sistema nervoso avariado, mas te vi inteira no coração, como matar-te se não podia entregar o bem expectado?

Ninguém mais na sala, as cadeiras em desordem, o rastro de muitos pés, a poeira de muitos rastros. A tarde crescida no espaço, luz em declínio em dias curtos, noite baixando depressa. Não me sinto viva, vivo apenas o papagaio, seu verde uma ressurreição no grande quadro à minha frente, única côr, na tarde incolor. Atendi quase cem hoje. Nenhum foi além desta sala, sala de espera, escala promíscua, pôrto para lugar nenhum. É preciso que

eu ponha ordem nesta mesa. Tanto papel, um mar de papéis, um deserto de papéis.

Amanhã, dentro de uma semana, dentro de um mês, dentro de um ano, êles voltarão. Virão, êles e outros e suas misérias e seus enredos e seus muitos rastros nesta sala, meus ouvidos ouvindo, não lhes darei nada, nem minha piedade. Os que podem, não dão, porque dependem de outros, êsses outros, de outras coisas, outras coisas de outros esquemas, outros esquemas de outros fatôres, os fatôres de circunstâncias, e o círculo. O círculo não tem começo, não tem fim.

Memórias no asilo,

"Não há nada que se possa cantar em sua memória: qualquer suspiro seria uma nuvem sôbre essa nitidez."

(Cecília Meirelles)
Para Antônio, meu irmão.

Turvamente eu enxergo. Turvamente. Pior é que o espírito vê bem e anseia por ver. Essa névoa parece cortina de solidão sufocando as coisas tôdas. As fôlhas da árvore grande mexem docemente. Vejo-as, lá fora. Devem ser verdes, dêsse verde que eu conservo na retina, porque não verde eu as diviso mais. A névoa. Minhas mãos erram no lençol, procurando pelo tato a brancura que não penetra nos olhos. A pobreza não permite se conserve alvo êste leito. Eu perguntei à quarteira quantos dias faz que não troca o lençol. Ela resmungou chamando-me de velha chata. Disse-o numa explosão de impaciência. Percebí tudo calada. As contingências da matéria senil dificultam-me às vêzes a comunicação com as pessoas e o mundo. Mas desta vez eu escutei. Ah, a árvore. Não uma só, nem duas, muitas. Capoeira, cipoal traiçoeiro, cobras silvando, acauã, urutau gemendo em noite escura. Onça

pintada ronda, jaguatirica urra, os corações batem apressados de terror. A sentinela corre a avivar o fogo, que começa a morrer nas brasas que se negrejam.

— D. Julica, quer almoçar?

— Tem só mamão do mato pra comer? Não mataram bicho nenhum?

— Credo, velha doida.

Ai, Jesus, desculpe, filha, estava pensando. Não, não quero comer nada. Espere aí. Sabe de uma coisa? vou comer agora. Frio é pior. O que tem para o almôço?

— Macarrão.

— Só?

— Mais nada.

Esqueceram-se de nós mesmo. É a ciranda da vida. Cada qual corre atrás de suas ilusões. Todos caminham, caminham, ninguém se lembra. Engraçado, andam para igual destino como se o não fizessem. Como se a vida não tivesse limitação temporal.

Milhões de árvores. Silêncio cortado por sons que apavoram e que gelam. Ande, João, vá cortando êsses cipós e desbastando o trilheiro. Caminhe depressa, mãe, a senhora parece um trambolho. Parece não, é. Credo! O que revolução quer com uma carcaça dessas? Por que não ficou? Veio só para estorvar a marcha. José carregue a Joaninha um pouco, está com os pés sangrando, coitadinha, os sapatos romperam-se. Agora, descansa-se. Luís,

arrume a barraca e vá fazendo fogo. Os bichos estão assanhados. Assentou-se para o jantar. Hilário, que veio atrasado uns dois dias de nós, contou que os revoltosos entraram no boteco do Antão, roubaram todo o estoque de fitas e as amarraram nos rabos dos cavalos. Era bonito ver a tropa a correr com fita de tôdas as côres esvoaçando ao vento. Depois, pegaram o coronel Jeromim e o puseram assim como nasceu, isto é, sem roupa, a cavalgar num cavalo em pêlo, a tocar sanfona. Na outra noite, compraram um carregamento de velas e as ascenderam no velório do Pedrão. Era vela acêsa de não acabar mais. Parecia mais festa do que entêrro.

— Quiá, quiá, quiá...

— Que isso, D. Julica, se rindo assim sòzinha!

— Nada, minha filha, trouxe o almôço?

— Trouxe. Quer almoçar na cama?

— A velha Julica ainda aguenta ir à mesa. Ponha aí.

— De certo.

— E café?

— Não tem.

— Mas nem café?

— Nem. Não se acostuma, heim!

— Castigo.

De madrugada, eu acordei. Despertei a todos. Eu parecia o macho da turma. Meu homem era valente. Porém, entendia que eu possuia mais qualidades para coman-

dar, tinha energia, era respeitada. Era bonito acordar com tanto passarinho cantando, com a luz a entrar devagarinho, a escuridão da noite a fugir como se medrosa. Magia momentânea. A gente ficava sossegado de ver que todos iam bem, que onça não comera nem um, que cobra não picara ninguém, que doença séria não abatera qualquer dos companheiros. Após uns tantos dias, passaram a me perguntar: D. Julica, não é bom irmos parando por aqui assim mesmo? Esta mata é enorme de grande e não vai dar a lugar nenhum. Já embrenhamos o bastante. Vamos esperar por aqui assim mesmo? Tiro de revoltoso não vai nos alcançar. Acho que nesse ponto podemos estar descansados. Eu respondia enfurecida: nós não somos meninos brincando de esconder, seus palermas, seus covardes. Se têm mêdo da mata, girem nos calcanhares. Dêem o fora. Luís, Joaninha, minha mãe e eu iremos até onde fôr conveniente. Voltem, já. Comecem a voltar. A marcha continuava com todos os companheiros. Foi numa tarde. Almoçamos mais cêdo e resolvemos andar bastante a fim de tirar a diferença do dia anterior que fôra de inzona e de conversa fiada. Eu pus carinhosamente Joaninha no colo, dei-lhe de comer, ela estava tristinha e pediu: "Mãe, vamos voltar pra casa, estou cansada. Que comida ruim." "Está perto, minha filha, respondi eu, só mais uns dias e estamos voltando".

Me virei para o Luíz: "Adiante, homem, é hora". A caminhada continuou. Parece que a alucinação tomou conta de nós naquele dia. Andamos como doidos, em horas de calor cruel e de mosquiteira a atentar tal o demo. Fomos assim nesta toada esquisita e sem meta. Para que íamos? de que fugíamos? éramos covardes ou estávamos

com a razão? Naquele rítmo desvairado, o vulto da mata a me correr pelos olhos, os ruídos e sons, o cansaço e o nervosismo, tudo punha pensamentos doidos em minha cabeça. Procurei acalmar-me um pouco e meditei na minha teima. Por que não parar um pouco? A clareira logo adiante é propícia para tal. E loucura seria se continuássemos. Nisso voltei-me para os outros (eu ia sempre à frente) e com os olhos procurei Joaninha antes de tudo. A mim, ela era o sol, o objetivo. Não a ví de imediato. "Minha gente, cadê Joaninha?" E a pergunta foi passando, já em ânsias: "Zefa, cadê a Joaninha?", "Totõe, cadê a Joaninha?" Meus olhos abriram-se num terror estupidificante. Gritei quão alto era possível:

— Joaaaaaaniiiiiinhaaaaaaaaaaaaaaa!

O Luís tremendo: "Joaaaaaaniiiiiinhaaaaaaaaaaaaa!" E todo mundo se pôs a gritar qual um bando de possessos, estremecendo o silêncio selvático e perigoso que reinara até então. Minha mãe dava gritos roucos, estendia as mãos em prece e tropeçava nas suas longas saias. Sem que nenhuma ordem ou opinião emanasse, todos compreenderam que fôra dada a hora do regresso. Entrou-se pelas beiradas, procurou-se, gritou-se. Ninguém puxava conversa, nem tinha coragem de articular palavra. Qualquer uma era inoportuna. Foi indo, João falou: "Olhem companheiros, é melhor que caminhemos reunidos. Não convém esparramar, senão há de sumir mais um cristão neste inferno".

A noite desceu terrificante. Eu rompi as comportas de meu estoicismo.

— Você, Luís, não faz nada, não toma providência de nada, um molengo, um merda... deixou minha filha sumir.

Não pude prosseguir porque os olhos aterrados de Luís acabaram por aniquilar-me. Chorei como louca, único desafôgo possível. Fiquei com os olhos fitos nas brasas a noite inteira, quando não espreitava a escuridão ou acordava os companheiros com meus gritos. Aliás, creio que ninguém dormiu ou se dormiu foi de cansaço. A volta foi fúnebre. Conduzíamos o féretro invisível de minha desaparecida filha.

— Posso tirar as coisas, D. Julica?

— Pode sim.

A árvore. Milhões de árvores. Deve estar um céu azul de meio dia. Êste silêncio me distancia do mundo ainda mais, já que a minha percepção dos sêres e das coisas tem de permeio a matéria debilitada.

Nós os confinados queremos prosseguir integrados no mundo e sormos dêle aos poucos banidos. Alguma coisa atravessou o retângulo da janela contra o cenário imutável do infinito. Uma andorinha talvez.

Na cidade, como em tôda parte, nada acontecera de importante com a revolução. Só os casos cômicos e os cavalos roubados. Eu voltava sem a Joaninha e com Luís triste e mudo. Morreria pouco tempo depois. A velha, minha mãe, retornara fraca e doente, mas tinha a fibra dos antigos; era preciso resistir. Eu me sentia derreada, de pés e mãos quebrados, estremunhada, sem saber que des-

tino tomar. Minha mãe, um dia, aconselhou-me: "Ponna pensão, Julica, agora há muito movimento de tropeiros, viajantes, boiadeiros. Além disso, a pensão do Nonô anda em decadência".

Ah, que anos de trabalheira, mas bons. Minha mãe vivia quietinha no quarto com seu crochê e as orações. A Maricota — negra boa! — era meu braço direito. Os tempos mudaram, minha ambição era grande, eu procurava palestrar com gente viajada e sabida. Até romance os viajantes amigos me emprestavam para ler. Ia progredindo devagar.

— Vá dar uma volta no jardim, D. Julica, que encafuamento é êsse. Se quiser, eu a ajudo.

— Isso daqui não é jardim, filha, jardim era o meu, da casa de minha pensão. Tanta rosa branca, tanto lírio. Não havia hóspede que não admirasse. Neste só vejo essas árvores que me põem tanta tristeza no coração e êsses bancos empoeirados.

Apareceu o Alberto. Como era bonito. Tinha o cabelo preto, cheiroso de brilhantina estrangeira. Chegara de terno listrado de prêto, num Ford. Eu não sabia bem se êle era caixeiro viajante, comprador de fumo, vendedor de diamante ou advogado. Até fotografia êle tirava. O dêle foi o primeiro carro a chegar em nossa terra. Conversava sôbre qualquer assunto do mundo, com muito espírito, sabia encantar e desorientar a gente. Não sei, não sei como foi aquilo. Eu já não podia ficar no quarto nas horas de descanso. Alguma coisa machucava-me por dentro, meu refúgio era o jardim. Um dia êle tomou uma rosa branca,

recém desabrochada, e ma deu, dizendo coisas que só êle sabia dizer. Assim, minha casta viuvez, minhas economias, minha reputação, tudo pus nas mãos de Alberto e iria até para o inferno se êle me chamasse. Deixei tudo para trás. Acompanhei-o num velho Ford, por estradas que eram mais picadas que rodovias, para a nova capital do Estado, que entre esperança e entusiasmo se construia. Ah, nem gosto de me lembrar. Pra que? Os meus dias de delírio haveriam de passar e quando abrí os olhos, sentí Alberto indo-se de mim como a estrêla que se apaga com a aurora. Êle se foi levando tudo que era meu e o próprio significado de minha vida. Nem sei como podem existir criaturas como eu que vêem tudo volatilizar diante de seus olhos sem conseguir agarrar nada. Para continuar viva, fui mexendo daquí e dalí. Sobrevivi. Minha existência perdera o significado, mas eu teria de levá-la até o fim. Minha filosofia: vivamos, porque a vida é nossa e tem de ser sorvida hausto por hausto, mau grado as pedras e os espinhos. Pra que me lembrar? Cozinheira de restaurante, bordadeira, costureira, camareira de hotel, professora de corte e costura. Nada conseguia agarrar.

O céu agora parece mais escuro. Minhas companheiras tagarelam, com vozes tremidas, assuntos desconexos. Em cadeira de rodas, em preguiçosas. Lado a lado, porém distantes e sós. Algumas, sonolentas, semifecham os olhos ante a claridade que é demasiada para elas.

Diferentes jornadas, igual destino. É até curioso ver tanta cabeça branca, tantas mãos que tremem, tantos vultos vergados, tantos gestos incertos. Um vento prenunciante de chuva mexe com as árvores, que de nôvo tre-

mem doce, doce. Uma árvore, milhões de árvores. Vida, fumaça.

Não se tenta um homem, nem um santo homem,

Foi assim que elas chegaram. Eu gozava a minha tarde, hora de sossêgo em que eu meto os pés no chinelo, ponho o meu roupão, ligo a eletrola, pego o meu aperitivo, sinto-me um homem tranqüilo, é uma hora de rara paz. Chego a apalpar a felicidade, amigo, palavra de honra. Se Elisa está, ela terá me beijado, dado as novas do dia e se assentará junto a mim, em silêncio, ouvindo a música. Ela sabe que nessa hora não falo com ninguém e depois da troca de novidades, só o silêncio. Tem dia que ela deixa um bilhetinho debaixo da garrafa, aí já sei, um chá, uma saída com amigas. Falam mal do casamento, amigo, eu não falo. Encontrei minha cara metade. Não, não sou um homem medíocre, nem Elisa mulher frívola. Completamo-nos, pode crer, completamo-nos. Não temos filhos, uma pena, você diria. Não arranjamos naturalmente e não cogitamos de arranjá-los. Lindo filhos, mas vivemos sem

êles, digo-lhe sinceramente. Elisa também pensa assim. Às vêzes saímos para jantar fora, de lá a um teatro ou a um cinema, raro um programa diferente e as mais horas o meu trabalho. Atualmente escrevo a minha tese e artigos para uma revista científica. É assim que ocupo as minhas horas. Gosto de arte também. Isso não devia ser privilégio de ninguém, mas condição do próprio homem. A arte é o encontro do homem consigo próprio. É glorificação do homem. Dinheiro só na medida de minhas necessidades. Você tem razão, eu poderia estar rico, podre de rico com minha profissão, que me importa se eu tenho o suficiente para não incomodar meus amigos? A campanhia tocou com impaciência irritante, não era Elisa, tínhamos marcado para jantar às nove, isto é, vinte e uma horas. Ela chegaria com tempo apenas de trocar a toalete. E eram sete e meia. Abri a porta. A mais alta, de cabelos claros, descansou a frasqueira um instante no chão:

— Dr. Abner, meu caro e simpático cunhado?

A mais baixa, um tanto gorda, de olhos parados, limitou-se a sorrir. A primeira foi envolvendo-me num abraço, deixei-me abraçar confuso e mudo, enquanto a outra me estendeu a mão.

— Minhas cunhadas, suponho?

Três anos de casado com Elisa, só conhecia suas irmãs por carta, nunca sentira vontade de conhecer sua família, isso por nenhum motivo particular, simplesmente por falta de vontade. Sempre coincidia a vinda dêles com uma viagem minha. Elisa e eu resolvemos casar-nos em uma manhã. Fizemo-lo como o ato mais simples da vida.

Só depois os parentes foram avisados. Houve ressentimentos, você sabe, a tradicional família.

Fiquei parado sem saber o que fazer.

— Então, não nos convida a entrar? Era a mais alta que falava, devia ser Vera, sim, desinibida, esparolada, a outra Bete, tão comum e silenciosa. Vera foi entrando, bateu os pés no tapete, hum! disse, colocou a frasqueira no sofá e acercou-se da coleção de discos, dando gritinhos e comentando o que via. Depois apanhou meu copo, tomou o resto da bebida que ficara, despejou mais três dedos e virou de uma vez. "Vive-se com relativo confôrto", comentou. "Uma decoração, eu não diria vulgar, ó perdão, se ao menos pensei isso, impessoal, comum, sem o toque de ninguém. É a própria displicência de Elisa". A outra, Bete, aproximou-se da janela e pôs-se a olhar o movimento da rua. A tarde ainda se fazia viva, restos de rosa no horizonte. A rua coalhada de carros, colorida e móvel, os corpos carregavam rostos humanos graves e cansados.

— Entrem, por favor, a casa é de vocês. Ficara a frase formal, maquinal, nem sabia como receber gente em minha casa. O mundo sempre fôra Elisa, minha ciência, meu trabalho e minha música. O melhor era instalá-las em meu escritório. Corri lá para retirar o papel da máquina, com mêdo de que alguém o visse .Detesto que leiam os meus escritos na fase da elaboração. É como uma violação. Fechei a máquina, ajuntei os papéis. Tranquei a escrivaninha. Apanhei outro copo, coloquei uma dose dobrada. Tomei-o de uma vez. Lembrei-me de Bete que olhava a janela.

— Aceita um aperitivo, Bete?

A resposta afirmativa foi uma salvação, assim, nos próximos minutos eu teria alguma coisa útil a fazer. Vera veio de dentro cantarolando. "Pequeno o apartamento, mas dá bem. O escritório é uma beleza. Pode perfeitamente ser transformado em alcova de donzelas", riu alto. "E a safada de sua mulher?", disse e em seguida pediu-me que carregasse as malas para o escritório, que o único lugar viável era aquêle mesmo. Carreguei as pesadas malas, uma bagagem de atriz de cinema, chegando quase sem fôlego, o rosto afogueado. Lembrei-me de passar para nosso quarto as telas de meu amigo Heleno, pintor, que estavam à espera de uma oportunidade para serem colocadas na parede. Aí começou a doer-me a invasão daquele lugar, tão meu, onde raramente entrava minha própria mulher, apenas para a limpeza e arrumava tudo como se lidasse com objetos sagrados, nunca me perturbando nas minhas horas de isolamento, nem mudando a disposição do menor dos objetos. Afundei-me no sofá da sala, outra dose no copo, sentindo-me usurpado. A campanhia da porta chamou, corri a atender, se Elisa chegasse, amenizava a minha aflição. Não era ela. Vera apareceu de shorte, a imensa cabeleira sôlta, a piteira no canto da bôca, cigarro à espera de fogo.

— Meu Deus, por que não põe um disco, homem? Acenda a luz. Que casa abafada. Não é tôda hora que gosto de penumbra. E Elisa? Que santo maridinho.

Abri as cortinas, acendi a luz e coloquei Villa Lobos na eletrola.

— Fizeram boa viagem?

— Claro, não vê a minha disposição?

"Bota lá uma Gal Costa ou você é do tipo erudito, só tem essas músicas que dão sono? Não, pelo amor de Deus!" Foi à janela e lançou o tôco de cigarro, que fêz um giro no espaço como uma estrêla extraviada. "Seria bacana se caisse na cuca daquele loiro"! Deu uma gargalhada. O telefone tocou. "Deixe que eu atenda, vá? De hoje em diante sou sua secretária. Você está ou não está?" "Era voz de homem, perguntava por Elisa. Chifrudo, heim. Venha cá, deixe ver se seus chifres estão crescidinhos?"

Na noite da chegada, Elisa cancelou o nosso jantar e pediu que eu fôsse ao super-mercado comprar coisas, não esquecesse do vinho, era uma comemoração. Vera bebeu muito vinho, pôs a música no volume máximo, dançava, assentava-se no tapete e contava piadas apimentadas. Bete limitava-se a rir, quieta, incolor. O vizinho, pela primeira vez em muitos anos, veio pedir para fazer menos barulho "desculpe, o meu caçula está adoentado, o que houve, ganharam a sorte grande?" As três foram para o escritório e eu fiquei acordado até muito tarde esperando por Elisa. Essa noite eu a queria. Amo-a na penumbra e no silêncio de nosso quarto. Ela se entrega com um amor tranqüilo e simples, sinto em minha carne a intensidade da posse. Elisa me basta. Nunca procurei outra mulher. Ela tem um cheiro de flor rara, de flor tranqüila. Virei para o canto e dormi. Tive um sonho. Elisa e eu numa cidade estranha. Procurávamos determinada rua. Entremos por êsse atalho, disse ela. Passamos numa viela de gente esquisita, que nos encarava com espanto. Elisa foi-se adiantan-

do naquele labirinto, por fim perdi-a de vista. Dirigi-me a uma senhora de vestido rôxo, cabelos pretos e duas rodelas de ruge na face enrugada. Ela foi amável, era gaga e não sabia bem dar-me a informação. Apontou-me para outro grupo. "Pe...per...gunte àquela mulher de preto..." Dirigi-me à mulher de preto, também era gaga. Um dos homens do grupo também era gago. Enxerguei lá embaixo a torre de uma igreja e telhados coloniais. Saí correndo feito louco por uma ladeira abaixo. Acordei, inundado de suor, cabeça pesada. No trabalho a disposição não melhorou. Talvez eu fôsse mais cêdo para casa. E as duas? lembrei-me de repente. As duas que se instalaram em nosso apartamento. Resolvi tomar um aperitivo com o Ramos. Comprei um jornal, nós dois na mesa, êle prêso nos seus pensamentos, eu à procura de alguma notícia. Notícias, que notícias são essas? A verdade, onde anda? Longe de todos nós. As tintas pretas, garrafais, um embuste para nos distrair. Morto o poeta enforcado numa corda de nailon, cheiro de incenso no quarto, resto de velas queimadas e flôres pisadas. Ritual macabro em um apartamento perdido entre milhares de outros. Homens enjaulados nas estruturas de cimento e concreto, na geometria insensível das moradias coletivas. Quem atacou quem? Novos focos de luta. O homem não se cansa de guerrear. Próxima descida em Vênus. Quem chegará primeiro? Nossa, o quinto aperitivo. "E' preciso que eu tome um destino, Ramos"!

Cheguei a casa, eram duas horas. Uma mulatinha de avental branco e olhos espantados acercou-se de mim. "É o doutor?" "E você, quem é?" "A nova empregada. Madame mandou dizer que almoçou fora com as meninas."

Entrei sem saber o que fazer. Màquinalmente caminhei para o escritório, onde costumava tirar a sesta e escrever um pouco nas tardes em que não saia. Parei à porta. Lembrei-me, não podia. Havia anáguas, soutiens, sapatos, meias, vestidos, tudo jogado sôbre a escrivaninha, o sofá, o escritório inteiro. Quis retirar a pasta e a máquina, mas não sabia da chave. Os livros que eu separara para ir consultando se misturaram com outros e os jornais selecionados faziam um monturo na cêsta de lixo. "O doutor deseja alguma coisa"?, assustara, não estava acostumado com criadas seguindo-me pelos calcanhares e querendo servir-me. "Não!", quase berrei. Ela, com os olhos ainda mais arregalados de espanto, saiu rápida.

Depois do jantar, em meu nome Elisa oferecera um jantar no restaurante mais caro da cidade, voltamos para casa. "E essa negrinha que eu encontrei hoje?" "Ora, a nova empregada. Com as meninas aí preciso ter tempo. Ah, por falar nisso, preciso de uma nova toalete para o coquetel". Nem me lembrava mais do coquetel. Nunca íamos. "Está bem, está bem." Assim, dentro de um mês eu interrompera meus estudos e trabalhos, a conta do banco baixara assustadoramente, acabara-se a esperança de trocar a mobília até o fim do ano e a nossa viagem tinha de ser adiada sine die.

Eu procurava meus chinelos. Nos pés de Vera. Queria telefonar. Vera dependurada no aparelho. Vera na copa, Vera na cozinha, Vera no tapete, Vera com meus discos, Vera no teto, Vera dançando, Vera recebendo seus amigos. Elisa tinha cara de Vera, tôdas as mulheres do mundo tinham cara de Vera. "Nunca vi criatura mais es-

quisita do que você. São minhas irmãs. Se estiver mal satisfeito com elas, mande-as embora. Diga logo, mande-as embora". Eu ficava calado. Não procurava Elisa. Seu corpo agora me dava cansaço. "Mande-as embora. É uma boa idéia. Talvez um dia dêsses eu mande mesmo".

Uma tarde eu cheguei em casa. Vera estava sòzinha, dormia. Eu não sabia. Levava um disco nôvo, virgem das patas de Vera. Liguei a eletrola. Enchi meu copo. Vera se levantou de beibedol, arrastando os chinelos que eram meus, os cabelos esparramados. "Ah, meu anjo, você aqui, ouvindo a sua doce e sábia música. E eu assim tão à vontade! Ande, arranje-me um copo." Obedeci como sempre. Do escritório ela me gritou "venha, traga aqui." À porta entreguei-lhe o copo. Ela roçou meus dedos e tomou um grande gole. Depois passou as mãos no meu rosto. "O santo homem está barbudo, por que não limpa essa cara?" Tomou outro gole. Meu copo já estava pela metade. "Por que você é tão silencioso? Não gosta de mim? Pois eu estou resolvida a morar aqui. Adoro esta cidade, êste apartamento feio. Adoro sua cara de mal humorado". E soltou uma gargalhada. Foi então que eu agarrei Vera, não sei amigo, um dragão dormia dentro de meu peito. Êle acordou rugindo, pondo fogo pelas ventas e fogo no meu sexo. Agarrei Vera, devorei seu rosto de beijos, arranquei suas roupas e a possui no chão de meu escritório. Ela lutou a princípio como uma endemoniada, depois começou a chorar e a rir, o corpo flácido, entregue, só espanto, nenhum prazer, os olhos muito abertos e murmurando "santo homem, santo homem, santo homem..."

Ah, mas não se tenta um homem, nem um santo ho-

mem. Arrumei algumas coisas nessa maleta e vim, Ramos. Sou um animal doméstico, gostava daquele mundinho meu. Que faço agora, Ramos, diga-me!

Horas de uma mulher,

Para Elza e Celeste

Tu acabaras de atravessar a ponte, olhar fundido nos reflexos vermelhos, amarelos e azuis que os luminosos geravam nas águas do rio. Música, multidão indo e vindo, um homem sem côr, expressão diluida pela fome, lento fugir de vida no corpo magro, barriga grande, antro de vermes, roupa encardida côr de pobreza, mão eloquente, trêmula, estendida. Tu pensas que êle, como muitos dos outros jogados nas calçadas desta urbe, sofre esquistossomose. Tu páras, começas a abrir a bolsa, depois caminhas irritada com semelhante visão a estragar-te a noite. Tu perguntas pela milésima vez porque as coisas são assim, caminhas julgando que também és responsável. Atravessas a praça, ganhas a calçada e vais em direção à esquina. Passas roçando a fachada de azulejo e no térreo do sobrado entrevês as cortinas de renda, as taças solenes à espera, um piano fechado. Perfume de comida fina exala-se

pelas circunvizinhanças e tu reparas uma mulher desgrenhada com uma porção de latas vazias, encostada à parede dos fundos. Dela aproxima-se um homem de casaco vermelho e gravata de borboleta, que fala, gesticula, enruga a testa, levanta o braço, aponta, a mulher das latas vazias ajunta suas coisas e sai andando.

Então o môço de branco vem falar contigo. Desde que atravessaras a praça, êle te observara e te notara contemplando a mulher das latas vazias, não percebendo de certo a magoada interrogação desenhada em teu rosto. Êle veste-se de branco, inclusive os sapatos. É môço, na idade indefinida dos trinta aos quarenta anos. Êle te sorri e tu vês uma bôca rasgada e uns olhos miúdos e vivos. Tu estás indecisa, sem saber se paras, se segues, se escutas, se respondes. Mas o moço de branco intercepta teus passos. "Boa noite", êle diz e tu respondes.

— Quero convidá-la para um passeio.

— Boa idéia.

— Você é de... vamos ver se adivinho pela fala.

— Não importa, falamos a mesma língua.

— Basta vê-la, não é preciso entendê-la.

— Obrigada.

— Conhece o setor industrial da cidade?

— O único que me falta.

— Ótimo.

Fábrica de tintas, fábrica de baralhos, fábrica de te-

cidos, fábrica de cimento, fábrica de azulejos, fábrica de biscoitos, fábrica de borracha, edifícios brancos, edifícios cinzentos, chaminés paradas, tudo iluminado com luz de mercúrio, indústria em descanso à noite. Ao lado, casas pequeninas, tôdas iguais, luz filtrando nas janelas, moradias de operários, parcela ínfima de bemaventurados que não está como muitos irmãos dependurados em mocambos, com enchente, frio e tudo.

— Bem, aqui é o coração de aço da cidade, é o pulmão, é o cérebro, é tudo.

— Palavra, eu pensei que você fôsse um caixeiro-viajante.

Tu estás encolhida e pouco à vontade no bar elegante, rara luz e um jovem de cabelos compridos tocando piano, toca bem, dizem-te, embora um pouco desafinado hoje. O garçon exibe o sêlo da garrafa e serve dois uisques. "Olá, Cavalcanti, como vai?" Volta-se para ti. "Apresento-lhe meu amigo Cavalcanti, usineiro".

Um homem grisalho, de terno preto, maneiras suaves e condescentes, aperta as pontas de teus dedos, inclinando-se ligeiramente para beijar tua mão. Tu mal respondes "encantada" ou outra fórmula qualquer, sem enunciar teu nome e crês que para ti aquêle é um homem raro, que nesta noite te prouve conhecer. Tu o olhas com curiosidade, enquanto apenas os dois falam. "Onde está o Brás? Coitado, como decaiu, perdeu tudo. É um homem de azar, não soube abrir outro caminho depois da queda política. O filho ficou hemiplégico após um desastre, sabia? A mulher o abandonou. Agora é um trapo bêbado. O homem

B.C.

tem que ter uma certa decência. Não lhe contei? Nos bons tempos, encontrei-o um dia em Copacabana, falávamos de negócios, assunto urgente e de alta responsabilidade, de repente êle abre a mão espalmada e diz: um momento, um momentinho só. Mas, Brás, o assunto é urgente, digo-lhe, é de seu interêsse. Um momento, um momentinho só. Passara uma mulher, linda, diga-se de passagem, olharam-se, ela entrou para o carro, êle foi-se gritando ao sair, telefone-me amanhã para o Excelsior. Depois de dez dias soubemos dêle, a espôsa desesperada pensando em assalto, rapto, sequestro e outras coisas, fôra-se com a tal mulher para uma ilha, veja você!"

Tu estás ausente e só regressas quando o Dr. Cavalcanti, o usineiro, toca-te nas pontas dos dedos e beija tua mão, uma mecha de cabelos prateados caindo na testa e a promessa de jantar com ambos na próxima noite. Pouco depois tu e teu companheiro levantam-se, tu pedes para voltar ao hotel, porque é tarde e estás cansada. Mas êle insiste em mostrar-te a casa de veraneio. Tu resistes, mas êle toca o carro pela avenida beira-mar, vai apontando as coisas e falando. "Minha casa está lá no fim, naquela curva, não vê? É a zona nobre. Por aqui está popularizado. O populacho deu suas veleidades de construir casa de verão. Socialização, você dirá. Eu me recuso a misturar com essa gente idiota e suja. Meus vizinhos, sabe quem são? A casa branca, da direita, é da primeira dama do estado, a da esquerda, do secretário da fazenda. Você não diz nada? algum problema? Tomaremos drinques, ouviremos discos, caminharemos pela praia. Como você quiser. Diga alguma coisa. Em minha casa está só o vigia e um cão policial. Tenho sempre amigos quando o verão é ple-

no. Sabe que você é um monumento? Não resisti quando a vi".

— Então, querida, desça.

— Não quero conhecer sua casa.

— Que é isso?

— Nada.

— Uma grosseria.

— Palavra, eu pensei que você fôsse um caixeiro-viajante.

Êle te levou para a casa de praia. O vigia abriu o portão, o cão pólicial veio pulando para o dono e um carneirinho de lã branca brilhava à luz da lua. Os coqueiros estavam quietos, nem a branda brisa mexia-lhes as palmas. Êle mostrou-te a cozinha, a copa, o banheiro, os dois quartos com camas largas, a grande sala com sofás, poltronas, a eletrola e a mesa de centro com cobertura de mármore. Tu gostaste da rústica elegância. E depois o silêncio.

— Conhece Paris?

— Não, ouvi dizer que os franceses são xenófobos.

— Que generalização! São amáveis e cortezes com os estrangeiros.

— Porém, o homem das ruas, a gente dos metrôs...

— Não se julga um país pela massa. Que é o povo? Um rebanho de asnos. É a elite que fala por um país.

— Eu amo os simples, êles é que são gente.

— Gente sou eu, o Cavalcanti, você.

— Não me inclua apenas por cortesia.

"Zé, ô Zé, traga-me uma almofada, Zé, ô Zé, os meus chinelos. Depressa com êsse uísque e água de côco bem gelada. Zé, ô Zé, os meus chinelos, os meus discos, os meus...".

— Sei que você é môça de princípios.

— E o sou.

— Mas é estupidez.

— A sociedade que é estúpida.

— Rompa.

— Um ato isolado não adianta. Ou talvez eu tenha mêdo.

— Quem a está vigiando?

— A consciência.

— Que é isso?

— O que fizeram de mim.

— Nada interessa, só amor.

— O sexo, você quer dizer.

— Seja.

— Que pena. Minhares de mulheres conheci. Você me impressionou.

— Linda história.

— Deixe que eu toque suas pernas, que côr, você é dourada.

— Não.

— Você as está guardando para quê?

— Para quem merece.

— Para a terra comer. Olhe o uísque, sirva-se, a noite é nossa.

— Obrigada, já encerrei.

— Seus lábios, quero prová-los.

— Cretino.

— E êsses seios.

— Seu sujo.

— Para que você existe, sua imbecil?

— Para dar e receber amor.

— Tem mêdo de dormir com homem?

— Depende, com o que amo, por exemplo não.

— Você confia em mim?

— Claro que não.

— Você pensou? Seria a senhora de tudo; de meu banco, de minha fábrica, de meus carros, de meu apartamento... Eu seria seu escravo.

"Zé, ô Zé, que homem burro. Ponha os meus discos. Qual, senhor? Você não sabe, até hoje não? Que diabo, suma, êu mesmo vou pôr. Traga outra camisa, não vê que eu tenho calor? Zé, ô Zé, mais uísque, mais água de côco".

— Eu sei que seu corpo pede.

— Engana-se.

— Pensei que mulher como você não existisse mais, olhe que o homem já chegou à lua.

— Creio no amor.

— Idiota.

— Você seria o último homem da terra com quem eu dormiria.

— Por que veio, então.

— Me parecia um cavalheiro.

— Cavalheiro sim, mas muito homem.

— Você é um burro.

— ?

— Porque me forca.

— Engana-se.

— Mulheres que se vendem não faltam.

— Por que veio então, sua cretina provinciana?

— Eu era uma solitária olhando o rio e um pobre.

— Julgara encontrar em mim o príncipe encantado?

— Absolutamente, apenas um homem.

— E encontrou-o.

— Que beleza se você fôsse um caixeiro-viajante.

Os olhos do môço de branco tornaram-se mais apertados, suas bochechas estão trêmulas e vermelhas, sua voz se arrasta. "Zé, ô Zé, mais uisque, mais água de côco. Nada de comer? Não esperava o patrão? Ô asno, não sabe que eu venho sempre? São todos uns estúpidos, imprestáveis. Vá embora, vá. Ainda fica aí espiando. Sáia, sáia".

Então êle avança para ti, agarra-te, procura tua bôca, morde teus ombros, com as mãos trêmulas e furiosas aperta teus seios, começa a rasgar teu vestido. Tu o empurras com violência. Êle cambaleia, alcança o sofá a custo, esparrama como uma carne desmoronada e abjeta. Tu procuras recompor-te. Êle fala articulando mal as palavras, esbraveja, tenta levantar-se, mas não consegue. Depois vai ficando quieto, dorme e dentro em pouco ronca como um animal.

Tu abres a janela, a madrugada vem explodindo no horizonte, iluminando o mar. Tu apanhas a bolsa, saltas pela janela e em seguida pela cêrca do jardim. Vais cautelosa, porque nem o vigia nem o cão podem descobrir-te. Tu corres para o mar. As primícias da luz em dia recém-nascido criam formas e brilhos na água sem fim. Um cheiro de sal e vida entra-lhe pelos sentidos e tua bôca sente um gôsto de liberdade. Tu te deitas, encostas o rosto na areia e choras. Tuas lágrimas caem e fundem-se na areia fria. Uma onda desfaz-se em rendas de mil caprichos e molha-te os pés.

E tu sentes então a solidariedade do mar.

Figueiras sem frutos.

"Eis que há anos venho procurando frutos nesta figueira e não os acho. Corta-a, porque ocupa a terra inùtilmente".

(Lucas, 23,7)

Meus irmãos, chorai comigo
as mãos que não se encontraram
dormimos todos demais,
nas fontes que se quebraram.

Laís Correia de Araújo

Minha face e os anos vieram todos acentuando a tristeza em redor dos olhos, essa tristeza que a princípio era uma sementinha invisível no coração, depois foi deitando raízes pelo corpo, invadindo tôda as células, saindo pelos olhos e dos olhos se incorporando no mundo todo que meu olhar alcança. As rugas, essa selva de rugas, não percebi quando nasceu a primeira e meu espanto foi quando já eram tantas. E' um perguntar porque se vive e reperguntar porque se vive carregando tanta dor. Meu copo, tenho-o como consôlo e compensação, o álcool anda pelas minhas veias e meu corpo adquire uma leveza de brisa e o mundo fica colorido. Eis que há anos venho procurando figos nessa figueira. Não se enfrente o tribunal da própria consciência. Nem se interrogue pra que se existiu. Os mortos da parede me assustam. Olhares impressos e imutáveis através do vidro,

não me comunicam mais que uma réstea de inutilidade. Avôzinho, mova suas pálpebras ou diga algo. Seria bom se todos descessem, eu tocaria uma valsa vienense e dançaríamos à luz das velas. Beberíamos unidos e comemorativos o mesmo vinho na mesma taça de cristal. Amanhã eu obstruirei a passagem dos morcegos e êles jamais cruzarão os nossos espaços. Êles assustam vocês, a mim. Porisso estamos todos carrancudos. Não me reprovem. Permaneçam com a face fixa. Aqui dentro um silêncio retangular. São visíveis suas formas geométricas. Só o vento fala perturbando a geometria. Com licença, avôzinho, beberei vinho no guampo. Você tinha gôsto, veja os arabescos de prata, os desenhos barrocos. Retiro o pó, deito o vinho e o vinho fica encantado. Talvez eu vôe pelos espaços ou redescubra o tempo. Perdão, avô, por violar suas coisas. Chorar, que coisa. Pensei que eu não tivesse mais lágrimas. Veja, ainda as tenho bastante.

"— esta casa é muito grande, é muito triste

— agora está alegre porque você veio

— quando cheguei o jardim estava arruinado

— reviveu, veja as flôres nas jarras"

1937

Cheguei no Fordinho de meu tio. Os conterrâneos debruçavam-se nas janelas de tôdas as casas, de tôdas as ruas. A família e os caseiros esperavam-me à porta. Minha mãe, de preto, rosto grave, mal oculta a emoção, apertou-me com abraço sóbrio, de muito amor. Na sala montaram a vitrola. Um círculo de olhares surpresos circun-

dava o móvel à espera do milagre. Coloquei o disco, dei corda, abri as duas portinholas e a música encheu a sala. Nunca tinham ouvido uma música assim, parecia do céu.

À noite houve baile, as famílias vieram, trazendo-me presentes, bandejas de doces e pudins. Meu vestido era de palha de sêda bordado de pérolas. Dancei a valsa com o Doutor Humberto. Minha mãe olhava-me com orgulho. Então formei-a, formei-a em curso superior! Que homem bonito você era, Humberto, com aquela pinta preta na face esquerda e seu rosto triste. Você não é mais que um retrato amarelecido nesse álbum e esmaecida imagem em meu pensamento. Meu primeiro amor, você morreu de beber. Você aprisionou no fundo da consciência o segredo de sua dor. Eu era quase adolescente e não compreendia como você pudesse ter uma dor. E nunca me revelou nada. Foi ingerindo a morte em cada copo. Também nunca ficamos a sós. Lembra-se como a gente namorava? Todos ali na sala, seu sorriso triste, sua prosa mansa. Ainda tenho o anel de rubi que me deu. Vai-se ajuntando coisas, pequenos objetos impregnados de lembranças e tristezas. Uma única vez você me segurou as mãos e tocou meus lábios com um beijo breve e instantâneo que quase inexistiu. Velha vitrola, ela ainda está aqui. Testemunha. Presente de formatura de minha mãe. Alemã ou inglêsa, não sei de onde veio. Seu puxador de cristal vermelho perdeu-se. Quanto é rouca e velha com essa corda mil vêzes arrebentada. "Valsa dos patinadores". E' esta que vou ouvir. Desça, avôzinho, vamos dançar. Dizem que você era alegre. Bem, não quer, abrirei a janela para ver o céu.. Essa quantidade de estrêlas me oprime.

"— você, tamanho de gente que não cabe no mundo

— e você fôrça que me redespertou para a vida

— não entendo porque se sepultou nesse mundo morto

— êle grudou meus pés

— arranque-os e parta

— é tarde..."

Não sofri com a morte do Doutor Humberto. Aceitei o fato com uma resignada compreensão. Não me amara o bastante para sobreviver à sua dor. O mal é sonhar demais, além, e o horizonte tão acanhado. Voltei formada em curso superior, farmácia. Vender droga, ensinar, promover bailes, fazer discursos em solenidades e mais a mediocridade, o isolamento, mundo pequeno demais. Tive momentos bons, tive-os, fui uma espécie de glória municipal.

Ernestino, fazendeiro, foi meu segundo namorado. Minha mãe, você era muito orgulhosa. Uma môça diplomada casar-se com um roceiro, dizia. Interessava-me o homem, minha mãe, e o amor, se existisse.

Você proibiu e eu cedi, talvez porque não o amasse bastante.

"você chegou quando já não havia mais primavera em minha vida, mas veio trazendo tanta presença e tanta fôrça que se reacendeu em mim a graça de viver. O amor foi chuva reflorindo a terra de meu coração. Que diria minha mãe se soubesse dêsse amor? Talvez abençoasse meu re-

nascimento. Padre Paulo, meu amor. O que é o pecado diante do amor? O sentido da culpa foi perdendo-se. Você me pediu para não beber mais. Uma noite eu abri a janela, cheiro bom de jasmim veio do quintal. Joguei fora tôda a bebida, o líquido transformou-se em gotas, estrêlas efêmeras que morreram num fio de tempo. Continuei a ter mêdo, mêdo do espaço nu, mêdo dos outros, mêdo de meu rosto no espelho, de meus quarenta e três anos, do mundo morto que grudou meus pés, dos retratos enfileirados, de mim sòzinha neste casarão, o pó do tempo, as batidas inevitáveis do velho relógio. Você veio, Padre Paulo e eu o amei. Tirou a poeira que cobria a alma e me deu nova fôrça ao coração".

Mário eu queria com loucura. Conheci-o em viagem, estudante e bem mais moço do que eu. Foi a família dêle que se opôs. Tinha a carreira, tinha o futuro. Queria deixar tudo por minha causa, era muito jovem. Mas o tempo, ó vândalo, foi dilapidando nosso amor. Mário cansou-se de lutar e não venceu. Não teve coragem maior. E' a dor que eu guardei. Mandei encadernar as cartas dêle. Como sabia falar essas coisas do coração. Que cartas, meu Deus. Por anos e anos, havia noites em que eu relia tudo, embora se tenham tornado palavras inúteis. Queimei-as quando Paulo chegou.

"você me falou de sua vida, menino indo-se para o seminário, inconsciente do próprio destino. As paróquias humildes, os ofícios celebrados, os pobres repetindo as fórmulas maquinalmente, es-

perando suas bênçoes para as roças, para os animais, para os meninos. A bênção salvou os arrozais das secas? deu saúde aos doentes? amenizou a fome? Os pés descalços e analfabetos seguiram pisando o chão das novas igrejas que você ajudou a erguer. Sua missão extinguiu a ignorância e levou alegria? levou a paz? Os ventos carregaram seu verbo para mundos perdidos e ignorados. Sua juventude e sua inteligência perderam-se nos caminhos poeirentos das cidadezinhas e nas picadas das roças. Você nunca passou de um vigário das paróquias anônimas e de um homem sòzinho procurando em vão o significado de sua missão. você veio

cuidei do jardim, coloquei flôres nas jarras e meu coração aprendeu a bater de nôvo

aquela noite você chegou, tinha o rosto preocupado e disse querer falar-me algo importante, dei corda na vitrola e renovei o disco, a música era triste, lembro-me bem. Você chegou bem perto de mim, segurou minhas mãos e disse "querida, meu amor" e era como a vida arrebentando dentro de você, seus olhos de azul infinito, depois me beijou, fechou-me com fôrça no círculo de seus braços, passaram-se mil anos,

então você violou o silêncio para me dizer que ia partir não tinha fôrças para romper com seus princípios, para deixar seus deveres, que o padre tinha-se enraizado em sua natureza, era um estig-

ma, os valôres o tinha escraviszdo, era tarde, muito tarde para deixar tudo,

irmãos, chorai comigo as mãos que não se encontraram eu agarrei você e lhe pedi que não fôsse, porque minha carne e minha vida eram suas, seus olhos azuis choraram um mar, você também tinha mêdo dos outros, da vida, do amor".

Sou dona, senhora e proprietária dêste solar e sou mais o último e falido fruto da casta dos Oliveiras. Quantos copos tomei? Eis que há anos venho procurando frutos nesta figueira e não o acho. Corta-a porque ocupa a terra inùltimente. Não posso perder a conta, nem a consciência, nem a dignidade, nem a mim própria mais do que estou perdida. Meu velho Ponson du Terrail, veja a que ponto cheguei: livro de cabeceira. "O FERREIRO DA ABADIA". Vou queimá-lo agora. Será uma fogueira bonita, iluminando você, meu querido avôzinho, já que não quer beber, já que não quer dançar. Ah, também porei na fogueira meu pergaminho. Quem vai chorar por êle? minha mãe do túmulo?

Verde tempo,

Para Lena, Meméia,
e Lintho.

I

VERDE

Verde. Debruçado sôbre mim. Verde. Protegendo-me. Verde. Salvando-me. Um útero verde alimentando minha vida. No verde fugi. Fugi do mêdo. Além do verde a ameaça cinzenta sôbre a cabeça de todos os homens. Lá êles correm, cansam, desmoronam, choram, bebem, fazem amor, roubam, se estraçalham, depois de exaustos, saturados recolhem-se como formigas nas caixas imensas fincadas no chão. O cogumelo acima de suas cabeças. Choram de mêdo, disfarçando em danças e copos e luzes coloridas sua desesperança.

— Aqui no verde se vive, é a paz.

— Não se vive em paz entre irmãos ameaçados.

— Podemos construir a nossa paz.

— Paz artificial.

— Discordo.

— Viver é um compromisso. Não há abrigo contra o mundo.

— Viver é um ato de coragem.

— Você não a tem, porque se esconde.

— Não me escondo, vim para o verde.

O sol deitou-se para além da mata. As árvores são um exército de gigantes vigiando. Ainda resta um pouco de luz. O silêncio desce aos vagalhões. Rara voz solene de pássaro canta no lento passar do tempo. O verde se abrigou no ventre da noite. Multimilhões de estrêlas se acendem aos poucos.

— E êsse ruido, confesse que está ouvindo.

— Por que me vem falar dêle agora?

— Ah, então aceita a evidência.

— Cale-se, não vê como meus cabelos estão brancos?

— No entanto, procura se enganar.

A jovem ajunta as fôlhas de papel esparramadas sôbre a mesa tosca. Fecha a máquina, entra para o interior da cabana, deixando a pequena sala encolhida na escuridão. Apenas os cabelos brancos do velho brilham como

prata. A mulher aproxima-se vagarosa e múrmura. Não consegue reter a pergunta que faz cheia de susto e certa que perguntará ao vácuo. "O que há, por favor, o que há? Também estamos ameaçados?" Ela escutara o ruido.

II

O AVISO

Assim deixei tudo lá fora e vim para o meu verde. Foi uma renúncia e uma busca. Pensei construir aqui o meu mundo. Nas côres e no desenho das asas das borboletas pensei estar sempre com os olhos na beleza e o canto dos pássaros, recebo-o como uma bênção. Ah, não duvidareis que as coisas aqui são puras: a luz do sol, as águas, os ventos. Minha filha aí está fazendo uma pesquisa. Minha mulher planta rosas. Mas não é possível construir o nosso mundo dentro do mundo. Quem fortificará as fronteiras? porque elas têm de ser fortificadas. E ninguém matará o desejo de paz em meu coração. Quem arrancará a cobiça da consciência do homem? Ouvi, o ruido está medonho, pavoroso. Não posso mais tapar os ouvidos à aceitação. Vêde, êles estão chegando. Escutai seus passos. São fardados, trazem estranhos equipamentos, capacetes de aço que reverberam à luz pura de meu sol. As botas são brancas, até bonitas, mas vêm esmagando os pequenos seres que correm atônitos e morrem sob seus pés. Estão próximos. Chegaram, sim, chegaram. É pre-

ciso que eu os receba. Não os esperava tão cedo, mas chegaram.

O mais alto dos três, pele vermelha de sol e olhos indefiníveis, cumprimenta.

— Boa tarde, responde o velho, com exterior tranquilidade, a mão colada ao peito. E' preciso que eu indague quem são. Talvez êles tragam a boa nova e seremos felizes.

— O senhor terá que se retirar com urgência. Tudo isso será destruido, está dentro do raio de nossas experiências.

— Impossível.

— E' a realidade.

— Em nome de quem e de que? Não há justificativa para tal ato. Nenhuma, debaixo de meu sol. Minha vida não se limita a meu ser. Existe em tudo o que construí, nas coisas e nos sêres que eu amo. Quem vai reconstituir as existências extintas e meu universo violado? Perder tudo para nada e por ninguém...

— Seque suas lágrimas e pare seu lamento. Que importa sua vida e a de seu ridículo mundo para os destinos do universo? Depressa. Não é hora de discutir. Corramos, pouco tempo resta-nos.

"Escaparemos pela Rocha Negra. Você a conhece". Os fardados acenando, começam a correr. A filha despeja seu inútil grito de desespêro. "Um horror! Peçam por nós! Intercedam por nós! É preciso destruir, destruir,

destruir!" O grito da jovem ecoa de quebrada em quebrada como se lutasse por eternizar. O fardado mais uma vez acena de longe. "Depressa!"

O velho agarra o braço da filha. "Vamos". Ela trêmula aperta contra o peito as fôlhas em desordem apanhadas a correr. As teclas da máquina nunca mais se moverão. A velha, na urgência extrema, leva consigo a rosa que abrira naquela manhã. Os homens ganharam distância. E desapareceram.

Param semi-mortos à porta da caverna. O velho entra e examina o interior. Há focos de luz que filtram pelas frinchas. Mais no fundo, a escuridão. Os olhos não tardarão a adaptar-se. Embaixo, um abismo enorme, feio fôsso coberto por um espelho negro de água. Os fardados, que chegaram na frente, pulam sem vacilar. Há uma cavidade lateral, quase secreta, que os conduzirá à praia do outro lado.

O velho aperta os ombros da filha, sente-a frágil, tremendo, agarrando as fôlhas escritas, cerrando-as contra o seio. A rosa permanece na mão da mulher. Há lajes imensas, superpostas, escadas naturais, nichos. Poder-se-á aproximar do teto, agarrando-se nas saliências da rocha. Há um mirante que permitirá avistar lá fora. "Não saltaremos, ficaremos aqui", disse às duas e sua voz carregava o peso de mil anos.

Êle galga trêmulo as lajes, as pedras úmidas cobertas de limo verde. Sente frio no corpo desolado. Achega-se ao mirante. Contemplará a horrífica explosão do mundo exterior. O verde morre na dança do fogo. O

negro fumo embuça as coisas. Os troncos gemem, as flôres tombam nas hastes, cortam-se os vôos dos pássaros, choram os animais. Há uma só língua, uma só voz, um lamento de despedida: extingue-se a vida.

III

REGRESSO

O velho afasta-se do mirante. Necessita muita fôrça para se desagregar da rocha. Passa as mãos pelas barbas crescidas, brancas, salpicadas de môfo e pelas vestes enodoadas de lôdo verde. Desperta a mulher que dorme ao pé de si. Das águas de seus olhos nasceram uma fonte. E a rosa multiplicou-se no chão úmido. Regressará com as mãos cheias. Afasta do rosto os cabelos negros e crescidos da filha. As fôlhas escritas guardam as formas, mas vão se desfazendo em pó a um leve toque. Os passos ressoam como pedras tocando pedras, resistência contra resistência. Haverá sol lá fora? Seu puro sol?

Êle segura-as pelas mãos e procura saída. Recebem claridade no rosto, retraem-se assustados, em breve, contudo, acostumam-se. E' uma claridade fôsca, cinzenta. Ao pé da Rocha Negra há uma pequena multidão vestida de mantos escuros, de rostos imóveis.

Olham os três e, como se sacudidos de seu torpor, a multidão aponta, põe-se a rir e a dançar, segurando precàriamente seus mantos, afastando do rosto os cabelos enor-

mes em doida maranha. "Olhem suas roupas! Vieram do fundo do tempo! De outras galáxias!" E continuaram a rir e a dançar.

A mulher, com os pés vacilantes e o rosto assustado, abaixa a cabeça como se tentasse esconder. Então geme: "Não há sol nem orvalho para minhas rosas". A jovem, alheia ao alarido da multidão, começa a caminhar, põe o ouvido à escuta, como se tentasse interceptar outros sons, aquêles que perdera. "Destruiram todo o meu verde", por um momento a voz do velho caminha no espaço. Depois seguiram os três de mãos dadas por um caminho qualquer.

E a multidão já não se importava com êles.

Desastre aéreo,

Para Tude e Walter
Joana e André

Estão olhando você, suas pernas, seu corpo, todos os homens da fila. Você é bonita, uma escultura clássica. Seu marido, veja a elegância. A fila começa a andar, êle lança fora meio charuto, sobe da grama uma fumacinha azulada revoluteante. Alcançam o avião, a aeromoça sorridente recebe as fichas e lhes deseja boa viagem. Instalam-se no interior do grande aparelho, que parece um esguio peixe amarelo a devorar vocês. Dentro em pouco ganharão as alturas, avançando para o mundo azul, que as nuvens bordam de bojudas fantasias. Lá embaixo as coisas dos homens, casas, choupanas, edifícios, caminhos em zigue-zague, tudo agora miúdo e insignificante. Seu marido fala primeiro, quanta euforia, santo Deus. "Que alegria, meu bem, depois de tanto tempo casados, nossas primeiras férias, o tempo assim nosso, como uma riqueza. Ser industrial é isso, todo mundo sabe, um universo com-

plexo, escravizante, compromissos, depois que se entra, não se safa jamais. Não tenho sido dono de mim, nós... você... etc, etc, etc... Você olha-o inatingida, desatenta. "Vive justificando êsse homem. Que aborrecimento. Deu para romântico nesta manhã. E' um homem bom, eu sei disso. E' bom demais, êle crê em mim". Uma dorzinha enjoada, isso que chamam remorso, vai entrando em seu peito. Você olha o rosto satisfeito do marido e sabe que êle é sincero. "O que você está dizendo, meu bem"?, pergunta-lhe.

Você está se lembrando de coisas, sempre foi assim, de ficar andando na estrada do tempo. "Todos mudamos, a cada segundo. Eu vejo isso, com nitidez .Haverá algo que se conserva inalterável em nós? Eu era diferente, se era. Do interior para o internato no Rio, aquelas colegas vivas e vividas, foi uma violência para mim. As atitudes jogadas, as conversas livres, eu me sentia amarrada e constrangida. "Por que sexo, só sexo, meninas, que preocupação, a vida é só sexo"? "Quase, querida". Riam debochado e eu me encolhia no meu provincianismo. No comêço doía-me. Meus pais e suas idéias para trás. Podiam ter enterrado a sua moral no fundo do inferno, ao invés de me estragar. Ir para o altar virgem, só dormir com homem quando os pais consentirem, o juiz autorizar, o padre abençoar. Pensando bem, tudo uma palhaçada. Soror Afonsa, não consigo eliminar de meu pensamento sua figura apocalíptica. Devotava um horror à "juventude perdida", pobrezinha. Lembro-me dela como um monstro vomitando fogo e ameaças: a estrada do inferno é suave, filhas, está forrada de prazeres impuros. Atentem bem para o sexto

mandamento. Atentem bem para os pecados contra a castidade".

A aeromoça passa e pergunta o que desejam beber. Ela é bonita. O sorriso é um pássaro no rosto dela, voeja, voeja e canta. Pedem uisque. "Você está calada, Marina, algum problema?, seu marido é um preocupado. "Oh, não, uma leve dor de cabeça", você responde. "E toma álcool"? "Não é um bom remédio"?

Você olha pela janela. "Seria bom morar nas nuvens. Tão brilhantes e tão lindas. Eu fui me transformando, no caminho, de universitária a diplomada. Os tabus, os princípios sagrados e básicos, as teorias novas, amor livre, vingindade, sociedade coatora, moral de fachada, ih, já estava até enjoada dessas teclas batidas e rebatidas. Mudamos a cada segundo, verdade. Mas eu me libertei primeiro foi só em teoria. Casei-me e por amor. Êle era pobre e o amei muito. Uma edificante história de amor".

Seu marido está dizendo algo, preste atenção. "Olhe, Marina, esta reportagem, que beleza. O que a gente perde por se tornar um capitão de indústria. Vai-se desumanizando, virando máquina feito um computador". Você responde alheia "é, já corri os olhos".

"Meus dois primeiros anos de casamento foram lindos. Depois... a vida era só aquilo? Não podia ser. Havia muitas horas nuas. Até Debussy, a minha mania, me exasperava. E essas telas surrealistas que me enterneciam (eu era ou queria parecer excêntrica?) perderam o significado. Antes me punham pensamentos loucos na cabeça, sonhos impossíveis. A vida não era só aquilo, não podia

ser. Eu me sentia lograda. Não era fácil ser mulher de um capitão de indústria. "Querida, não almoço hoje em casa. Vou a uma reunião de diretores. Vou a uma conferência, não a convido porque vai ser maçante". Cinco anos amando a um único homem, vendo-o subir, admirando-o, esperando por êle. Cinco anos. O tempo já começava a incomodar-me. Muitas horas nuas. Cansaço de esperar e de nada fazer. "Nunca lhe pedi para viver enclausurada, fidelidade não é isso". Êle não compreendia e isso era triste. Eu não admitia sair sem êle. Pior à noite. Vamos mudando, a cada segundo. Quando o irmão de Lena apertou-me contra si e disse que eu era uma mulher que os homens não encontram todos os dias, teria eu saido de uma estufa?, senti uma zonzura, o mundo todo movendo-se em turbilhão e depois algo se fragmentando. Saí depressa, como se adiantasse fugir".

O avião vai cortando o azul, entra numa nuvem, oscila um pouco, rasga sêdas no espaço. A revista escorrega das mãos inconscientes de seu marido e a cabeça se aninha em seu ombro, por entre seus cabelos pretos. Você se retrai, o subconsciente?, e olha para fora, para longe. "Olhos têm fôrça, muita. Foram só os olhos dêle? Tudo, os modos, a fala, o nariz grande, as sobrancelhas grossas, emendadas, um risco só. Êle se aproximou como se tivéssemos marcado o dia e a hora, beijou-me, beijou meus cabelos, meu colo e me possuiu ali mesmo, na sala de nossas palestras, enquanto apenas Debussy falava no enorme silêncio. Eu agarrada nêle, era o mundo surrealista, êle enxugando as minhas lágrimas e sabendo que acabara de destruir tudo quanto quiseram fazer de mim. Eu era outra mulher brotada dos escombros de todos os preconceitos.

Não sei. Parece que sempre esperei por Antônio, meu amante, amigo de meu marido. Mas é esquisito, gosto de meu marido .Atrapalha-me é isto: êle pensando que eu ainda sou outra, a primeira Marina. Não, não é pena que tenho dêle por ser bom demais, nem gratidão. Ontem Antônio pediu-me que desquitasse. "E' imoral ser dos dois". Deixar meu marido? Nunca. "Você tem mêdo é do escândalo, ainda não se libertou". Será? será que eu tenho mêdo? Somos mascarados. Depois de quatro anos é a primeira longa separação. Antônio teve ódio da viagem. "Deixe seu marido, é a hora exata".

A aeromoça passa com sua face sem sorriso. Caminha segurando-se de um lado e outro, que a oscilação lhe tira o equilíbrio. Um cavalheiro de bigodes brancos indaga, puxando a aeromoça pela manga: "Há alguma coisa"?. O avião pende, vai pendendo para a direita. A preocupação no ar, rostos inseguros a perguntar.

"A gente vai mudando e de repente é outra, outra inteira. Antônio não é egoista. E' mais puro do que eu. Creio em seu amor. Meu marido... será que... São quatro anos de beijos assustados, de horas fulgurantes, de horas agônicas. Máscara. Não pecar contra a castidade. Soror Afonsa, irei eu..."

O avião inclina-se decididamente para a direita. As nuvens desfilam em marcha desigual. As coisas lá embaixo vão ficando grandes, cada vez maiores. "Apertem os cintos de segurança! Muita calma!" A voz veio grave e tranqüila, mas soou como uma ameaça. Seu marido desperta assustado. "Não estamos chegando, estamos"? O equilíbrio das asas se restabeleceu, mas a aeronave aponta para

a terra quase vertical. De nôvo oscila da direita para a esquerda. "Está acontecendo alguma coisa, minha Nossa Senhora Aparecida"!, gritou uma mulher. "Divino Padre Eterno", ecoou uma voz feminina. O cavalheiro de bigodes brancos está pálido e uma gôta de suor desce de sua testa, corre pela linha do nariz, pára um segundo na ponta e cai e some-se em sua calça preta. Você crava os dedos nervosos nos braços de seu marido. Êle está sem côr, mas é um homem que morreria sem lamentos. Você abre os olhos, abre-os demais. Soror Afonsa, de roupa preta, montada num cavalo de fogo, vomitando fogo, vem vindo. O dedo em riste. "O inferno, filha. Atente bem para o sexto mandamento. Adúltera! Adúltera! Adúltera!" Mulheres rezam alto, choram, gritam. Você está gelada, mal consegue perguntar a seu consorte com sumida voz: "Não vamos morrer, não é querido"? "Se morrermos, vamos juntos, amor", lhe diz êle. "Não, não quero morrer". O terror domina sua fala. Você soluça, seu peito arfa, você faz um gesto desesperado como se quisesse equilibrar o avião. "Fomos felizes, você a melhor espôsa do mundo". Êle une o rosto ao seu. "Perdoe-me, querido" e você ajunta as mãos em prece. "Perdoe-me!", você repete com fôrça, a voz agora sôlta, livre. "Mas perdoar?... por ter sido grande companheira?... por me ter amado?..." "Não, querido, fui amante de Antônio, há quatro anos".

As preces continuam. A oscilação diminui. O aparelho vai perdendo sua verticalidade e a terra crescendo mais. Lá adiante está um campo de pouso. A cidadezinha próxima está quieta, parece dormir. No bôjo do avião, os passageiros se imobilizam na espera. Eis que todos são sacudidos com violência. A descida é abrupta e o chão im-

próprio. As asas do aparelho arrancam as árvores vizinhas e só elas e o trem de aterragem é que se danificam. Depois, tudo quieto e um silêncio maciço. Então, uma velha gorda grita: "Estamos salvos!" E se seguem seus soluços de alegria.

Encanto, desencontro,

Para Divina
e Violeta

Ela se destacava no meio de pessoas e coisas. Vi-a antes e depois que tudo. Média de altura e magra. Tinha bonitas mãos, de unhas longas sem esmalte. Os cabelos eram compridos, olhos meio a oriental, dentes certos e brancos, no rosto riso leve e sempre. Falava, falava rindo, fala saindo como águas claras e livres. Os outros que esperassem, o funcionário atendeu-a na frente e só a ela, enquanto muitos se comprimiam no balcão de despacho de bagagens .A pouca luz da rodoviária deixava perceber os passageiros, muitos com o sono ainda pendendo das faces. Algumas mulheres e crianças se encolhiam, embora o frio ausente: viagem, despedida, emoção. Madrugada indo-se, café ralo espalhando cheiro, logo o microfone começou a irradiar uma canção popular. Depois, chamaram-se os passageiros, nós, porque ela partia (ou voltava?) para igual destino. Observei-a encostada na grade do lugar de

embarque. Tinha um jeito engraçado de se encostar, como se a grade, grata, tomasse forma especial para recebê-la. Tinha uma porção de sacolas, cestas, maletas, pequenos e frágeis embrulhos e um instrumento musical. Algumas mãos serviçais ajudaram-na a transportar os objetos para o interior do ônibus.

Agora reparo sua roupa: calça rancheira, alpargatas, blusa xadrez. O ônibus inicia a marcha. Ela toma os cabelos, enrola-os meticulosamente, amarra um lenço amarelo com um nó sob o queixo. Olha pela janela a paisagem que se vem abrindo com a manhã que se instala plena. Primeiro são casas geminadas, simples, brancas e sujas de lama, depois os ranchos mais pobres e sem reboque. Agora pura costa, mar à direita. As águas estão de um verde intenso, coqueiros quietos, parece que nem se despertaram. Paisagens verdes, morros, uma chaminé de fábrica, um canavial, uma plantação de fumo, um lugarejo tímido. Ela se atravessa nas duas poltronas, ninguém havendo a seu lado. Se algum passageiro caminhar pelo centro, esbarrará em seus pés ali jogados para o ar. Cantarola, pensa, sempre o riso calmo e os dentes muito brancos. Levanta-se, apanha uma das maletas, retira um livro. Não consigo ver o título, ela se mexe muito, nem creio que possa ler. Daí a instantes, coloca o livro na bolsa da poltrona, apanha uma revista. Passa as fôlhas devagar, vaga, como se não estivesse vendo nada. Sorri para o passageiro de trás, um moço que não abandona nunca o chapéu de palha. Daí a pouco levanta-se e anda pelo corredor do ônibus. Vejo-lhe o corpo, é bem feito, esguio. Passando, empurra o chapéu do companheiro para a testa até quase os olhos, ambos riem, começam a conversar a respeito de pratos

típicos e receitas de camarão. Dois ou três entram na conversa, fala-se sôbre os pratos mais gostosos que comeram, os lugares mais pitorescos, as noites mais bem esticadas, as lembranças que permaneceram, a rapidez dos dias, a vontade de permanência ou de regresso. Eu começo ver as pessoas a flutuarem, suor grosso escorrendo-me pelo rosto. A custo abro o vidro para que o ar circule. Ela percebe, aproxima-se, indaga se eu desejo um medicamento. Digo-lhe que o problema é psicológico, sempre tenho mêdo de enjoar e acontece. Oferece-me um pau de fósforo para mastigar e diz que limão é muito melhor, mas infelizmente não o tem. Ela se assenta no braço da poltrona, fala, conta, daí a pouco pega a sacola, abre, vai mostrando as lembranças que comprara, os preços, as inscrições de que gostara, as formas, as côres. Em seguida, e com amor, refaz os pequenos embrulhos, acertando cada dobra, recolocando na sacola sem pressa. Seus cabelos agora estão desfeitos, o lenço caira para trás, ela os enrola sempre sorrindo. O ônibus pára, o passageiro de camisa branca, como se estivesse praticando um ato de traição, toma-lhe o braço, saem conversando, vão lanchar juntos, êle entregando-lhe uma maçã a fixar-lhe os olhos bem fundo. No ônibus, mais uma vez assenta-se no braço da poltrona, debruça-se no encôsto do assento dianteiro, fica quieta por muito tempo. Talvez pensasse, quem o saberia? Torna a apanhar o livro, lê um pouco, fecha-o, levanta-se, vai ao fundo do ônibus ocupando o último lugar. Terá dormido? Quando volta, mexe mais uma vez no chapéu do companheiro, uma risada, o diálogo recomeça, ela dizendo que não toca o instrumento, o que leva, mas aprenderá, porque adora. O outro diz que morre por um violão, toca mais ou menos. O outro diz que já tentou flauta, o outro

que já tocou piano, mas em cabaré, ela ri jogando a cabeça para trás, o outro que bandolim, um instrumento muito romântico; outro diz que tem uma amiga portuguêsa que levou do Brasil uma orquestra cabocla (marimba, zabumba, cuíca etc). De repente, ela se cala, os outros olham surpresos, porque música é um assunto que não se esgota. Ela abre uma sacola, retira algo, vejo então que é um ôvo. Começa a descascá-lo e seus dedos vão retirando as partículas de casca, com paciência, depositando-as na palma da mão esquerda. Sorri, vejo-lhe os dentes brancos, os olhos quase oblíquos se apertam muito e brilham. Pergunta se alguém aceita, ao que o de chapéu de palha responde afirmativamente com um piscar de olhos e o estender da mão. Ela lhe entrega o ovo já descascado e recomeça a operação, paciente e viva, retirando cada fragmento, depois joga as cascas pela janela, o vento frio bate-lhe no rosto de expressão deslumbrada, depois ela se põe a trincar o ôvo como se saboreasse com surprêsa cada partícula. Limpa as mãos, esfregando uma contra a outra, assenta-se no braço da poltrona e espera como se estivesse disposta a escutar. Eu lhe pergunto o que lê, ela sabe o título, mas não se recorda do autor. Ambas nos concentramos e acabamos rindo-nos, pois ninguém se lembrou o nome do escritor tão conhecido, sobretudo agora que êle andara até prêso por causa das idéias. Eu toquei a conversa para um outro autor, ela deu um palpite rápido. Não chegou a bocejar, mas achei que o assunto estava ficando muito livresco, talvez não lhe agradasse. Eu tinha curiosidade imensa de descobrir de que ela gostava, afora o instrumento que carregava. Ela disse que estudava balé. Ah, que beleza, balé! Daí é que fui vendo-a em roupas transparentes como neblina no abrir da manhã, dançando a morte do cisne,

porque do pouco balé que conheço, o único de que guardo memória é a morte do cisne, mentiria se tentasse embuçar a minha ignorância. Depois de ela dizer de seu amor pelo balé, mais meus olhos se agarraram nela, vi-a princesa numa redoma dourada dançando sôbre pétalas de rosas. Aí eu falei que gostaria de ver uma apresentação de frevo. Ela pensou um pouco, de certo achara o frevo meio fora de hora, mas afinal o assunto era dança. Ela pensou um pouco, apertou os olhos, sempre rindo, mordeu a unha do indicador, suas unhas eram perfeitas, seus dedos finos: eu mesma posso dar uma apresentação de frevo. Fiquei fascinada, vi o cisne, transmudada a roupa alva em vermelha, desfazer-se da coroa de pedras cintilantes, pegar uma sombrinha, fôrças satânicas enritmar-lhe os pés, o mundo tremer e o frevo, um redemoinho de frevo nascer, brotar dela. Nem sei se disse que adoraria vê-la dançar balé, frevo, qualquer coisa, uma apresentação sua, em qualquer lugar e tempo. Depois do assunto do frevo, ela se enroscou nas duas poltronas, quieta, por um tempo imenso.

Ligaram a música no ônibus. A melodia tinha dessas coisas que levam a gente pra muito longe, por onde nem pensamento, nem foguete, nem nada pode transportar. Uma saudade esquisita, um lugar que não se descreve, a gente transbordando da gente, os outros além, muito longe e mais. Acenderam as luzes. Ela se levantou, os olhos apertados com a claridade repentina. Ajuntou os cabelos de nôvo soltos, amarrou-os agora para trás, com o lenço amarelo de chifon, o laço ficou parecendo uma enorme borboleta dourada pousada nos cabelos dela, naqueles cabelos compridos e pretos. Ela olhou para trás e riu inteiro, o rosto iluminado, todos sorriram também como se esti-

vessem a postos esperando por aquêle momento. O ônibus entrava na cidade beirando o mar, um mar visto de noite, praias sòzinhas, coqueiros silenciosos. Ela desceria antes da estação, na própria avenida beira-mar. Foi baixando as sacolas, as cestas, os embrulhos, o instrumento musical, ajeitando tudo nas mãos, nos ombros, nos braços. Ela sorriu para mim, pensei que viesse se despedir, já sentia por dentro a tortura da ausência definitiva, do corte brusco dos encontros, nem siquer perguntou-me o nome, nem ao menos deu o seu, mas gritou quase de saída: eu te esperarei amanhã às cinco, à porta do São Luiz, é bem no centro, todo mundo sabe onde é. Às cinco em ponto, heim! Eu te esperaréi! A voz éra como águas claras fluindo livres. Sorriu, os dentes muito brancos, os olhos brilhando.

Talvez a cidade grande a tenha engolido. Ou o mar. Nunca mais a vi. Ainda estão nos meus olhos a borboleta dourada pousada nos cabelos dela.

Apêlo,

"Não... Tudo extremamente longe!
O mundo não diz nada à vida que
sòzinha oscila nos trevos embalando a
própria agonia".

(Cecília Meirelles)

Amâncio colocou o pequeno embrulho sôbre a mesa. Abriu a gaveta, retirou os papéis, documentos e pequenos objetos aos quais se ligavam tantas lembranças. Amontoou tudo e pôs fogo. "Dívida eu não tenho, nenhum problema com negócios". Doía-lhe o nascimento próximo do filho. Atormentava-lhe mais a lembrança dos pais. Fôra mau filho, o pior de todos. "Vai ser o último desgôsto pra êles. De repente concluí que sou um morto no mundo. Pra que continuar entre os vivos? Só ajuntei fracassos nesses curtos anos. Abandonei os estudos, o emprêgo humilhante. Não fui um marido segundo os bons modelos, isso é verdade. Mas Regina não soube me compreender. Não que eu queira transferir pra ela a culpa. Ganhar o pão com o esfôrço físico era demais pra mim. Falta de dinheiro, mesa magra, primeiras sombras. O dia inteiro o refrão de Regina. "A casa de meu pai é pobre, não tem nada, mas a despensa é

cheia, o que comer não falta. Nosso barraco era pobre, não nego. A gente passava mal de bôca. Mas era o mundinho da gente, calmo e bonito. Um dia ia melhorar. Se ela compreendesse, a gente atravessava. Nos primeiros tempos era bom. À noitinha eu cansado apoiando a cabeça em seu colo. O corpo dela arredondando-se. O filho ia ser forte".

Bateram à porta. Amâncio assustou-se. Começara a desligar-se da vida. 'Vai sair, Amâncio?" Era a voz da irmã em cuja casa estava morando. Sacudiu a colcha, atirou pela janela o resíduo de suas coisas incineradas. Com mãos decididas e calmas, abriu o pequeno embrulho côr de rosa. A irmã não pressentira a despedida em seu boa-noite.

Dez comprimidos. "Espero que dêem resultado". Tomou o primeiro. Por um instante teve consciência apenas do sabor de ferrugem da água a lhe escorrer pela garganta. "O menino, era melhor que não nascesse". Segundo comprimido. Fôra precipitado no casamento.

Amâncio estava num canto do salão de festas. Nunca dera para essas coisas. Mas estava ali. Os pares suarentos agarrando-se, a orquestra desafinada, um bêbado querendo obrigar uma môça a dançar, outro fazendo discurso no terreiro. A morena sadia, de cabelos pretos, escorregando pelas costas, a dançar, dançar, dançar. Os olhos de Amâncio seguiam-na sem poder desprender-se. Ela ia e vinha. Linda de costas, feia de frente. Ia e vinha. Linda de costas. Feia de frente. Amâncio de copo na mão olhando-a esquecido. E ela olhando Amâncio. Namoraram por alguns meses. E houve aquêle dia. Amâncio era sossegado e a môça era direita. Mas quem pode? A mata era cheiro-

sa, as sombras aconchegavam, algum som estranho rompendo a calma, cheiro de verde, chão úmido forrado de fôlhas sêcas, vento leve beijando as coisas. E a môça Regina foi feita mulher. Não precisa ter mêdo, querida, disse quando a viu chorando, eu lhe quero muito bem. Vamos nos casar, pode acreditar em mim. Terceiro comprimido.

Era preciso um emprêgo certo agora. Começou tentando emprêgo público. O cargo de servente não dava camisa para ninguém. Escritório particular é só exploração, trabalho de matar, salário de fome. Sem estudo, sem experiência de nada, o que podia fazer que prestasse? Ela foi boa nos primeiros tempos, depois foi perdendo a paciência. Não se conformava. Fugia sempre para a casa da mãe. Amâncio voltava do serviço e encontrava a casa fechada. "Regina, lugar de mulher casada é junto do marido". E ela com o refrão. "A casa de minha mãe é simples, mas eu nunca passei necessidade". Maldizia o êrmo, a tristeza do lugar. "Bom era lá no bairro, que a gente tinha amizade. Morar nesse ôco de mundo. Homem, se viu que não dava conta, por que casou?" Ficava tempo quieta, muda, amuada.

A noite desceu cautelosa, espreitando. O amarelo deprimente do céu de agôsto extinguira-se com a ausência da luz. O canto das cigarras escondidas estridulava como vozes passivas cantando angústias. Amâncio olhava além, para o cerrado de árvores tristes e nuas. "Se ela estivesse aqui, conversaríamos como no tempo do namôro. Tão pouco tempo de casado e tantos domingos sòzinho. Pedi a ela que não fôsse. Quando terminasse o serviço, a gente ia junto. Que fome! Regina é ruim, podia estar aqui. Não

tem nada pra comer. Arrumou suas coisas e saiu como um cachorro. Disse que dessa vez ia pra demorar. Eu lhe pedi que não fôsse. Quando voltasse ia ter surpresa. Pois vai ter mesmo, ela há de ver".

Amâncio acendeu o lampião. Pendurou-o no meio da sala, pegou a espingarda. Do terreiro, à distância necessária, mirou o alvo. O tiro despedaçou o lampião. O fogo foi virando muitas línguas, que se espicharam e cresceram, subiram e dançaram, envolveram e consumiram. Os pertences, os documentos, a mobília, o enxoval de Regina, o terno azul marinho do casamento, tudo fundiu, foi fogo, foi brasa, foi cinza. O último objeto a tombar nas labaredas foi a espingarda. Apenas com a roupa do corpo tomou a estrada, dando as costas para o que fôra seu lar.

Regina desceu do trem na segunda-feira de manhã. De longe não avistou o barraco. A mãe sempre procurou insuflá-la contra o marido. Agora ela perguntava a si mesma se a mãe tinha razão. Era engraçado, nunca sentira aquela disposição e alegria ao voltar. Havia até ânsia em rever o barraco sossegado no terreno alto, rodeado de árvores e o caminho insinuando-se vermelho como fita encarnada na paisagem verde. "Estarei com a cabeça certa? Que será aquilo, ou eu errei de rumo!" Apenas uma mancha preta, restos de coisas combustas, um fio azulado subindo, dançando com o vento. Duas velhas e alguns meninos conversavam gesticulando e apontando para os despojos fumegantes. Regina mal deu conta de gritar e segurar a barriga como se tentasse abrigar o filho.

Depois o quarto de pensão, as bebedeiras, noites com mulheres vagabundas, outro emprêgo perdido, o desgôsto

do pai. Regina se esquecera do incêndio, perdoara-lhe e o fôra procurar. Ameaçava, suplicava, xingava. Queria refazer a vida em comum. Seria diferente, livrar-se-ia dos maus conselhos da mãe, teria paciência, compreensão. Se fôsse preciso, arranjava trabalho. Amâncio apertava a fronte para ressuscitar a Regina do baile, a Regina da mata, dos momentos dêles dois, bons, completos, de planos. Procurava se lembrar da voz, do rosto, mas era uma estranha. No pensamento, apenas o ventre onde o filho crescia. Os cunhados passaram a ameaçá-lo de morte caso não aceitasse a mulher. Foi-se sentindo morto e inútil. Sempre mais. Os pés arrastavam-se pesados carregando um corpo magro e descorado. Poderia ocupar melhor posição. O pai era pobre, mas tinha seu lugar, seu nome, sua dignidade. Envolvera-se no ambiente estreito do bairro, casara com mulher de condição pior do que a sua, esta era a verdade. "Meu filho será menino ou menina?" Pra que continuar no mundo dos vivos? "Seria melhor que êsse menino nascesse morto, pra que viver"? Quarto, quinto e sexto comprimidos. Engoliu-os depressa, numa urgência inevitável.

Amâncio começou por não sentir as mãos. O corpo imobilizara, embora conservasse o poder da percepção do mundo em tôrno. Tentou agarrar-se, mas seus braços tornaram-se impotentes. O corpo tombou. Pressentia os rostos em redor, estranhos e distantes, apreendia o significado de suas vozes aflitas. Uma luz se acendeu em seu cérebro. "É preciso viver, é preciso ter coragem para viver". E quis gritar, gritar com a maior fôrça dêsse mundo. "Eu me enganei, eu quero viver".

A irmã percebera um ruído surdo. Chamou. Esperou tempo sem resposta. Empurrou a porta com aflição. Pálido, rígido, Amâncio caíra, a cabeça quase debaixo da cama. A irmã tentou arrastar seu corpo, tomou-lhe as mãos geladas. Incontinente pôs-se a gritar e sua voz fendeu a calma da noite. Os vizinhos de rostos assustados, ainda arranjando as roupas arrumadas às pressas, foram entrando. Amâncio em estado cataléptico escutava. "Êle morreu! Meu irmãozinho morreu! Irmão, acorda"! Os presentes se perguntavam pelo ocorrido, acotovelando-se no pequeno quarto. Crianças choravam assustadas. "Não me deixem morrer... levem-me ao hospital... um carro... um carro... um carro..." O apêlo de Amâncio morria-lhe na própria consciência sem comunicação. Seus olhos verdes, grandes, muito abertos não continham nenhum olhar. "E se me enterrarem com a alma no corpo? Não, não quero ser enterrado vivo. Não quero! Por favor, não quero!..." Seu corpo continuava imóvel como pedra e suas mãos silenciosas. Todos se afastaram para deixar o pai aproximar-se. Com serenidade o velho olhou o corpo do filho. Os soluços da mãe foram o único ruído naquele momento. Os irmãos empurraram os estranhos para alcançarem o leito, espiavam mudos sem saber o que dizer ou o que fazer. O pai tocou a pálpebra enrijecida, examinando-a. Mas ninguém compreendia o apêlo de Amâncio. "Sim, quero viver"!

Milagres no Natal,

Para Auristella
e Olavo, meus pais.

MILAGRE 1

A praça era rodeada de postes tortos, de onde pendiam lâmpadas de luz fraca, vermelhas como brasa. Era um Natal sêco, de céu azul e lua. Muita gente ia chegando para a missa da meia-noite, como formigas surgindo de tôdas as direções. Nós corríamos dando encontrões com os grandes, brincando de pique, a despeito da roupa de gala e do protesto dos pais. Dentro em pouco, cabelos em desordem, roupa amarrotada, meias e sapatos enodoados pelo pó vermelho. Num dos cantos da praça apareceu Sá Zabezinha. Também vinha à missa arrastando os chinelos, carregando o papo e os cabelos desgrenhados. "Sá Zabezinha não penteia os cabelos nem pra Missa do Galo! Olhe o cabelo, olhe o cabelo dela"! A velha passava xingando a gente com voz rouca, atrapalhada pela

raiva. Mas no fundo gostava da criançada. O sino deu o segundo sinal e o microfone, instalado na tôrre da Igreja, começou a irradiar "Noite Feliz".

Eu sabia que não ia ganhar presentes. Talvez porque a cidade fôsse pequena demais, Papai Noel nunca lhe achava o caminho.

Alguém me chamou por trás "Ana Maria... Ana Maria..." Eu bem conheci a voz. Meu rosto já estava afogueado com as correrias e o coração batia depressa. A voz chamava-me, aquela voz, eu tinha dez anos mas sabia distinguir uma voz, a dêle. Virei-me, agora, sim, o coração batia louco, eu quase sufocada. Êle tinha doze anos.

— Um presente para você! Feliz Natal!

Meus dedos tocaram nos dêle quando peguei a rosa. Era vermelha, nem chegava a ser rosa, nem era mais botão. Não soube dizer nada. Olhei-o depressa e saí correndo para dentro da Igreja.

Ainda tenho as pétalas escuras de onde perfume e vida fugiram. Mas, aquela rosa ficou habitando meu coração. E vivo o Natal, só aquêle, nunca mais outros.

MILAGRE 2

Ela se arrastava com dificuldade, mas conseguiu limpar a casa nesse dia. Passou o pano molhado pelo assoalho de táboas largas. Colocou rosas nas jarras. Tirou da

canastra a colcha branca bordada de Richilieu, estava um pouco amarela, mas não tinha importância, era bonita assim mesmo. Do armário retirou a caixa de papelão já um tanto desmantelada. Desembrulhou as figuras de uma por uma, limpou-as. Foi carregando tudo muito devagar para a sala. Desocupou a mesa, forrou-a. Buscou o espelho e os potes de pedra moida e vidro de côr. O difícil eram os galhos de jaboticabeira. Mas iria ao quintal, firmando-se com um bastão. O facão era bem afiado. Seria um pouco penoso, mas consegui-lo-ia. Queria tudo arrumado, bem arrumadinho. Plantara seis latinhas de arroz. E como ficou viçoso o arroz dêsse ano. Em outros tempos, enfeitava o presépio com barbas de pau. Agora, entretanto, quem ia buscá-las no mato? Trouxe um galho de cada vez, três ao todo. Dois para os lados, um para a parte de trás. Colocaria também dois castiçais de uma só vela nos extremos da mesa. Eram de prata, precisavam ser polidos.

A noite chegara de manso, o vermelho do poente persistindo por muito tempo no horizonte. O vento trazia fragmentos de vozes e músicas. "Toca o sino pequenino, sino de Belém..." O presépio estava pronto, as duas velas acêsas. Só a estrêla guia não ficara dependurada como nos outros anos. Os braços já estavam cansados. Ela empurrara a poltrona de palhinha para junto do presépio. Dormitava de exaustão.

O portão do jardim rangeu.

— Dona Mafalda, sua janta. Sá Maria mandou uma empada porque hoje é dia de Natal!

Era o moleque da marmita. "Hum, o presépio ficou bonito. A senhora deu conta de fazer, heim! Arrumou tudo sòzinha"? O menino ficou espiando encantado, enquanto ela saiu um momento. De volta à sala, deu a êle uma nota. O moleque riu feliz "Deus que ajude", saiu pulando, cantarolando, bateu o portão com fôrça e ganhou a rua. Ela lembrou-se da antiga garrafa de vinho. Apanhou a vela e foi procurá-la no quartinho de despêjo. Teias de aranha rompiam-se contra seu rosto. Um rato escapuliu do armário. O susto fê-la derrubar a vela. Apalpando a parede com dificuldade, conseguiu achar a saída, desistindo do vinho. Assentou-se de nôvo junto ao presépio. A comida ficou para depois. Pela porta podia ver o jardim banhado de vaga claridade. Estava um pouco invadido de mato, mas as roseiras carregavam-se de rosas brancas e vermelhas. Agora o vento trazia sons de sino. Ela começou a sentir um entorpecimento geral. Semicerrou os olhos. As batidas do coração foram tornando-se cada vez mais débeis. Seus dedos, antes entrelaçados, soltaram-se. Todo seu corpo tomou a leveza de uma pluma. Depois o jardim se iluminou. Ela viu uma multidão de rostos risonhos. Todos cantavam "Noite Feliz" e acenavam-lhe com mãos luminosas. Ela os foi identificando de um por um. João, seu querido João. Há vinte anos partira. Suas barbas brancas como se banhadas de luz negra. Tem a mesma expressão de calma bondade. Miguelzinho se fôra há dez anos .Tem o rosto corado de adolescente, o mesmo rosto. Levantou-se. Já não andava, levitava. Uniram-se num único e inteiro abraço. Em seguida tomaram o carro de rodas douradas e cavalos alados. E foram subindo,

subindo para junto das estrêlas .O universo todo estava em festa. Lá em cima, certamente, encontrariam o Deus Menino em pessoa.

MILAGRE 3

Sua vida, que dura carga, pêso maior para a fraqueza de seus ombros, desesperança para seus sonhos. Sabia amar e esperar. Mas havia espinhos cada dia, só espinhos. De manhã, a escola primária. Era professôra primária, de infeliz salário. Tarde e noite a costura. Costura. Pão para os quatro filhos, escola, roupa, médico, pequenas miudezas de cada dia que só entram com o dinheiro. Marido ausente. Dera a êle tudo, amor e compreensão. Mais amor que tudo. Êle se cansara, talvez de sua constância, de seu amar fiel, de seu doar sem novidades, do barulho das crianças, do sempre-mesmo da vida. Fôra-se para outra mulher, juntara suas coisas e partira sem uma explicação. Esquecera-se dos filhos, do amor aos filhos, do pão dos filhos. Tôda tarde ela esperava a volta. Era um reacender de esperança nessa hora inexplicável de luz morrendo devagar e primeiras estrêlas pingando no céu. Tinha de esperá-lo à tarde e em cada tarde. A noite precedente lhe parecia sempre a última de solidão no leito. E o findo dia, o último de cada centavo contado e dividido. O tempo se arrastou ou ela se arrastou no tempo, com as prestações da casa em atraso, o ordenado em atraso, o ruido da máquina pelas madrugadas. Olhos cansados e vermelhos de pregar botões, fazer bainhas, os cadernos de deveres dos

alunos e mais provas a corrigir. Ainda a alegria forçada, pois os alunos não podiam ver-lhe no rosto o sofrimento persistente e quotidiano. E mais algum homem que a molestava, pois lha sabia o marido ausente. E um amigo para quem não podia rir e a quem não devia acompanhar, porque era ausente do marido.

Dezembro chegara. Costuras dobradas, madrugadas de cansaço. Os sapatos dos filhos estavam furados. Os últimos vestidos de Rosinha, quase uma mocinha, não lhe serviam mais. Perderia a casa se não liquidasse os atrasos nesse último mês do ano. "Que vamos ganhar de Papai Noel, mamãe?" Era penoso ter de explicar ser impossível um brinquedo, algo que não fôsse estritamente o necessário, muita coisa se inventa, menos o dinheiro. À noite, saía para comprar os aviamentos, levava os meninos. "Veja, mamãe, autorama, que beleza! Olhe o carro que acende os faróis, corre e buzina. Olhe a casa de boneca. E nossa árvore de Natal? Não vai fazer o presépio?"

O Natal passou a ser uma tortura. Por que forçar a ser festa? A ser alegre? A dar presentes? Ela tivera Natal e quantos. Só na infância importa o Natal. Os filhos não o tem. Vinte e quatro de dezembro chegara. Deixou que à noite a vizinha levasse as crianças para a festa das vitrines. Ver, ao menos ver a alegria da noite. Terminaria os dois vestidos e, se desse tempo, poria o Menino Jesus na mesa, colocaria umas flôres, acenderia uma velas. Depois faria um lanche. Um lanche pobre. Um sanduiche para cada um e um saquinho de balas. Cantariam Parabéns para o Deus Menino, seria até uma coisa diferente e bonita.

Alguém, alguma vez, lembrara-se de cantar Parabéns para o Menino? Que ela soubesse, nunca.

Já se aproximava a meia-noite quando a vizinha chegou com as crianças. "Mamãe, olhe, Zèzinho ganhou...". "Marina ganhou..." "Pare, por amor de Deus", gritou. O filho olhou-a com mágoa. Ela aproximou-se dêle, abraçou-o e beijou-o, molhando seus cabelos loiros com as lágrimas que vieram desesperadas. A vizinha presente, "vamos, sua teimosa, vamos cear lá em casa. Eu sei que você não teve tempo..." Ela conseguiu ainda sorrir, meneou a cabeça negativamente e mal pôde dizer breves palavras de agradecimento.

"Bem, meninos, vamos cantar os Parabéns para Deus Menino para que Êle nos ajude. Rosinha, comece!"

As vozinhas animadas se ergueram. Eram um som límpido na Noite Santa, naquela rua afastada. Eis que batem à porta. As cabecinhas se voltaram curiosas sem que o canto fôsse interrompido. Ela estranhou, quem viria a essa hora? Nessa noite cada um se preocupa com o seu Natal sem ver a dor ao lado. Quem seria?

Abre a porta receiosa. Então, êle foi entrando. No primeiro instante, não conseguiu ler a luz que êle tinha nos olhos, mas viu-lhe o feixe de cabelos brancos na testa e os braços carregados de presentes.

DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA

MARIETTA TELLES MACHADO nasceu em Hidrolândia, Goiás. Fêz os estudos primários naquela cidade e o secundário e superior em Goiânia, onde vive e atua. É formada em Direito e Letras Vernáculas. É Bibliotecária da Universidade Federal de Goiás. Foi contemplada com duas bolsas de estudo: uma para o Curso de Documentação Científica no Rio de Janeiro, outra para o Curso de Bibliotecologia Médica, em Medellin, na Colômbia. Foi membro do Grupo de Escritores Novos (GEN). Tem um livro de crônicas e mini-contos "Girassóis em Transe", de 1968. No prelo se encontra o livro de histórias infantis "O CONGRESSO DAS BRUXAS". Colabora nos jornais e revistas de Goiânia e figura em antologias de poesia e prosa de Goiás.

Livros lançados pela ORIENTE

REPORTAGENS

A Marcha Além do Oeste — Walder de Gois
Por êsses mundos afora II — Luiz de Carvalho

CONFERÊNCIA

Obras de Arte da Cidade de Goiás — Élder Camargo
Ética Profissional — Halim Helou
Confissão do Abandono — Ursulino Leão

CONTO

Existência de Marina — Ursulino Leão
É a Noite — Aída Félix de Souza
Texto e Corpo — Miguel Jorge
Cacho de Tucum — Humberto Crispim Borges
As Doze Voltas da Noite — Marieta Telles

ROMANCE

As Lêsmas — Heleno Godoy
Via Viagem — Carlos Fernando Magalhães
Paredes Agressivas — Ada Curado.
O Comêta de Halley — Jesus de Aquino Jayme

INFANTIL

O saci da mata e o coelhinho do Mutirama — Alaor Barbosa e Marcos Veiga

TEMAS UNIVERSITÁRIOS

Direito Procedimental — Licínio Barbosa
Evolução Cultural de Goiás — Jerônimo Geraldo de Queiroz

VIDA E OBRA

Monteiro Lobato das Crianças — Alaor Barbosa
Memórias de um Imigrante — Bourhan Helou

ENSAIO

Confissões de Goiás — Alaor Barbosa
As Águas Quentes — diversos autores
Papa-ceia — Regina Lacerda
Cadernos da AGT

POESIA

Canto Presente — Paulo Nunes Batista
Reflexões do Conflito — Gabriel Nascente e Aidenor Aires
Do elemento — Ciro Palmerston Muniz
Janela Azul — Helvécio Goulart

TÉCNICO

Manual de Serviço — Cotelgo
Composição Escrita — José Bernardino da Costa
Literatura Brasileira — Mário Bechepeche Machado
Instruindo ao Motorista — Tte. João Francisco e Geraldo Carvalho
Revista de Direito — P G E

Próximos lançamentos da ORIENTE

ENSAIO

Bahia — Antologia de textos de autores goianos
Vila Boa (2a. Edição) — Regina Lacerda
Sociologia e Desenvolvimento — Jerônimo Geraldo de Queiroz

A literatura goiana — Ercília Macêdo — Revisão e Notas de Anatole Ramos
Reencontros com a juventude — Getúlio Targínio
A vida de um homem: Couto de Magalhães — Miguel Jorge
O processo político norte-americano — Walder de Góis
Os pioneiros — Basileu França
Aspectos da cultura goiana — Antologia organizada por Ático Vilas Boas da Mota e Modesto Gomes
Efemérides Goianas — Gelmires Reis
Levantamento preliminar da situação universitária em Goiânia — Instituto Euvaldo Lodi (FIEG e DF)

POESIA

Escrito no Muro — Carlos Rodrigues Brandão
Goiás, morada e semente — José Godoy Garcia
Romanceiro goiano — Jesus Barros Boquady
Poemas — Oscar Dias
Primeiras Chuvas — Bernardo Élis

ROMANCE

Homens de palha — Jerônimo Geraldo de Queiroz
Chuva no telhado — Alaor Barbosa

CONTO

A cidade do ócio (2a. Edição) — José Mendonça Telles
Campo e noite — Alaor Barbosa

CRÔNICA

O Livro de Ana — Ursulino Leão
As horas e os minutos — Modesto Gomes
Estórias Infantis — Modesto Gomes

Êste livro foi publicado dentro do plano editorial do Instituto Goiano do Livro, do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, sendo confeccionado pela **Gráfica Editôra Irmãos Oriente Ltda.** Av. Alfredo Nasser, 312 - Goiânia - Go,

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

COLEÇÃO DE RESERVA

NÃO CIRCULA FORA DA BIBLIOTECA

Machado, Mar

As doze volt

G869.0(81)-3

DATA DA DEVOLUÇÃO

Machado, Mari

As doze volta

G869.0(81)-3/
DEVOLVER NOME

da, com uma espinha dorsal forte, firme em sua tessitura, incvador em certos aspectos, revelando, em suas "doze voltas", um mundo diferente. A autora não se limitou a informar, mas preocupou-se em nos colocar frente a frente com seus personagens, para que pudéssemos senti-los também como sombras abandonadas à sua condição humana. Nada de heróis, heroínas, histórias bem feitinhas à moda das "caronchinhas". Muito pelo contrário, às vêzes, nem se sente a trama. Personagens e enrêdo se diluem. A situação existe. Eis tudo. E M. T. M., capta êsse momento e o transforma em valor literário de alto nível, apresentando sua gente, pessoas saídas da solidão, do grande vazio de se estar vivendo sem saber como e nem prá quê. E de repente, vem o estalo, pergunta-se, indaga-se: tem-se consciência de que se nasceu. A partir daí iniciam-se os primeiros passos para a grande descida: a morte. E é preciso existir, viver com sabedoria, e isso tudo dentro de um espaço e de um tempo indeterminado, explodindo de angústia, em cidade que tanto poderá ser Goiânia, Rio, São Paulo, Belo Horizonte, como uma cidadezinha da Europa. Muitas vêzes, é tão-sòmente a grande aldeia da solidão, e a escritora se arma de seu expressionismo mostrando, através da fala do personagem, a interiorização de uma alma desesperada com o mundo. Também poder-se-á observar a solidão de uma classe esmagada por outra. Mas, acima de tudo, pessoas, com muita humanidade, que ainda sonham, esperam e acreditam na vida e nos homens. Assim, a contista prossegue demonstrando que a criatura humana é inesgotável em seu mistério. Marietta Telles Machado tem a consciência de seu ofício de escritor, de sua importância dentro da nova estrutura do conto goiano. E é essa escritora amadurecida para o momento decisivo de nossa ficção, que desejo mostrar aos nossos amigos e leitores.

Miguel Jorge